



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM  
CURSO DE LETRAS

MARIA DO CARMO ALMEIDA COSTA FERREIRA

**O PAPEL DA MULHER DO MÉDICO NA OBRA “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”, DE JOSÉ SARAMAGO:** Uma análise sobre a sua racionalidade diante da epidemia de cegueira.

Itapecuru-Mirim  
2019

MARIA DO CARMO ALMEIDA COSTA FERREIRA

**O PAPEL DA MULHER DO MÉDICO NA OBRA “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”,  
DE JOSÉ SARAMAGO:** Uma análise sobre a sua racionalidade diante da epidemia  
de cegueira.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Letras da Universidade Estadual do  
Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos  
Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como  
requisito para a obtenção do grau de licenciatura  
em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Ferreira, Maria do Carmo Almeida Costa.

O papel da mulher do médico na obra “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago: uma análise sobre a sua racionalidade diante da epidemia de cegueira / Maria do Carmo Almeida Costa Ferreira. – Itapecuru-Mirim, 2019.

55.f.

Monografia (Graduação) – Curso de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Maurílio Barros Cardoso.

1.Saramago. 2.Cegueira. 3.Mulher do médico. 4.Racionalidade. 5.Imunidade. Ensaio I.Título

CDU: 821.134.3-31

MARIA DO CARMO ALMEIDA COSTA FERREIRA

**O PAPEL DA MULHER DO MÉDICO NA OBRA “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”, DE JOSÉ SARAMAGO:** Uma análise sobre a sua racionalidade diante da epidemia de cegueira.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Esp. Maurilio Barros Cardoso (Orientador)

---

2º Examinador

---

3º Examinador

À minha família, em especial à minha mãe  
que me ensinou, desde cedo, valores  
éticos e morais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus pelo dom da vida, pela sustentação nessa jornada, por alimentar-me de fé e esperança para que eu conseguisse chegar até aqui e por me fortalecer, fazendo com que eu acreditasse que tudo era possível, assim como escrevera o Apóstolo Paulo: “Tudo posso Naquele que me fortalece”.

Aos meus pais, meus primeiros orientadores, em especial à minha mãe que todos os dias, incansavelmente, me coloca em suas orações pedindo a Deus que me proteja.

Aos meus queridos irmãos, pela força e até mesmo pelas mensagens de fortalecimento e fé.

Ao meu esposo pela força e incentivo e por estar sempre “disponível” nesses quatro anos, suportando minhas ausências quando precisava vir até este Campus.

Aos professores e professoras que passaram na minha vida e deixaram a sua contribuição para a minha formação intelectual, ética e moral. Em especial aos professores: Helena Gomes, Roure Ribeiro, Aparecida Muniz, Lúcia Holanda, Renato Teixeira e Maurilio Cardoso que valorizaram o seu pequeno aprendiz, deixando marcas de amor e incentivo no caminho do conhecimento, o que já faz toda diferença quando se criam laços verdadeiros de amizade.

Aos amigos e companheiros de turma pela harmonia e respeito entre todos, cúmplices nas horas difíceis e alegres, superando as dificuldades do dia a dia nessa jornada. Especialmente às minhas amigas companheiras de equipe pela parceria perfeita: Ana Lúcia - que me ajudou nas dificuldades do meu primeiro trabalho; Dianne - que fez de sua casa também o nosso lar; Regina e Fátima por sua humildade e contribuição em toda forma de ajuda. Serei eternamente grata, amigas!

Àqueles que, de alguma forma, incentivaram para que eu realizasse esse sonho e, portanto, pudesse concretizar mais essa etapa em minha vida.

Ao professor Maurilio em especial, por ter aceitado ser meu orientador nessa que eu considero a parte mais difícil do Curso, a ele minha amizade e meu muito obrigado.

À UEMA pela oportunidade de concluir este Curso e a todos os seus funcionários que educadamente ajudaram, conduziram e orientaram a todos.

A Todos, minha eterna gratidão.

*Se um único homem atingir a plenitude do  
amor neutralizará o ódio de milhões*  
(Mahatma Gandhi).

## RESUMO

A presente pesquisa faz uma análise sobre o perfil racional da personagem mulher do médico na obra “Ensaio sobre a Cegueira”, do grande escritor José Saramago, fundamentando-se nas atitudes desta personagem frente a uma epidemia de cegueira que não a atinge. Utilizando-se, dessa forma, como fonte principal, o próprio *corpus* estudado, buscando entender o motivo pelo qual uma única pessoa em toda a narrativa, mesmo tendo contato com os contagiados e vivendo em meio à loucura causada pela epidemia, se manteve lúcida e imune à doença. Observar-se-á que, no enredo, a cegueira se apresenta de forma metafórica, definida como “treva branca” capaz de causar uma grande destruição, por isso, a intenção desta metáfora pode ser entendida como forma de justapor a cegueira à condição natural do homem moderno, especialmente ligada ao caráter ético, sendo este a cegueira que desumaniza e leva os cegos a viverem como “animais” num local subumano. De tal modo, o autor narrará um mundo assolado pelo caos deixado pela epidemia de cegueira, onde somente a mulher do médico será capaz de atravessar, junto a um grupo de cegos que ajuda e protege, servindo de válvula de escape para eles. Deste fato, pretende-se demonstrar a racionalidade da protagonista, através de suas atitudes diante de todo sofrimento na luta pela sobrevivência, procurando investigar o motivo de sua imunidade e da referida racionalidade.

**Palavras-chave:** Saramago. Cegueira. Mulher do médico. Racionalidade. Imunidade. Ensaio.

## **ABSTRACT**

The present research analysis on the rational profile of the female character of the physician in the work "Essay on the Blindness", by the great writer José Saramago, based on the attitude of this character in front of an epidemic of blindness that does not reach it. Using the main source, the work itself, trying to understand the reason why a single person throughout the narrative, even having contact with the infected and living amid the madness caused by the epidemic, remained lucid and immune the disease. It will be observed that, in the plot, blindness presents itself metaphorically, defined as "white darkness" capable of causing great destruction, so the intention of this metaphor can be understood as a way of juxtaposing the blindness to the natural condition of modern man, especially linked to the ethical character, this being the blindness that dehumanizes and leads the blind to live as "animals" in a subhuman place. Thus, the author narrates a world plagued by the chaos left by the epidemic of blindness, where only the doctor's wife will be able to cross, along with a group of blind people that helps and protects, serving as an escape valve for them. From this fact, we intend to demonstrate the rationality of the protagonist, through her attitudes towards all suffering in the struggle for survival, seeking to investigate the reason for her immunity and the said rationality.

**Keywords:** Saramago. Blindness. Doctor's wife. Rationality. Immunity. Test.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 A OBRA DE SARAMAGO: Uma análise literária</b> .....	14
<b>2.1 Breve contexto social e biografia de Saramago</b> .....	18
<b>2.2 Estrutura da obra</b> .....	20
<b>2.3 Enredo</b> .....	23
<b>3 ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: O que significa estar socialmente cego? .</b>	28
<b>3.1 A mulher do médico: a racionalidade diante da indigna condição subumana</b> .....	29
<b>3.2 O médico e os outros cegos do grupo: contribuições e atropelos</b> .....	34
<b>3.3 O diferencial no motivo da racionalidade da mulher do médico</b> .....	37
<b>3.4 A “treva branca” e o motivo da imunidade da mulher do médico diante da epidemia de cegueira</b> .....	43
<b>3.4.1 A violência contra as mulheres em Ensaio sobre a Cegueira</b> .....	46
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	51
<b>4.1 Método de pesquisa</b> .....	51
<b>4.2 Técnicas de pesquisa</b> .....	51
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia se propõe analisar o relevante papel desempenhado pela personagem mulher do médico na obra “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago, lançado em 1995. Tal obra contribui para o endosso da matéria de pesquisa sobre o tema e colabora para o mundo acadêmico através da literatura, que proporciona aos educandos (com a leitura e a interpretação de construções acadêmicas como esta), vislumbrarem-se com a riqueza das manifestações artísticas, apresentadas em narrativas deste rol.

Certamente, além de ampliar as fontes de pesquisa sobre esta temática, este trabalho de conclusão de curso procura também permitir conhecer grandiosos autores, como José Saramago, e grandes obras como a que já foi citada. Além disso, a literatura enriquece e amplia o conhecimento aos leitores, que se afirmam como seres pensantes, no sentido de tornarem-se críticos. Dessa forma, convém reforçar o quanto esta monografia corrobora para o mundo do conhecimento literário, ressaltando que todo autor depende do leitor e que o seu trabalho só é completo, quando sua obra é lida e apreciada por estes.

Certamente, é válido ressaltar que esta construção monográfica se torna ainda mais completa ao apresentar a relevância para a sociedade do papel feminino que, de certa forma, vem se destacando, fazendo aflorar valores, mostrando capacidade idêntica ou até mesmo superior à do homem. Na obra supracitada, a personagem identificada como a mulher do médico desenvolve um papel que cristaliza todos os aspectos acima citados.

Sob mesma égide, enfatiza-se que o escopo desta monografia é o enfoque sobre a importância com a qual o autor José Saramago destaca o papel desempenhado pela personagem mulher do médico (cujo nome não é revelado na obra, passando a ser mencionada apenas por esta expressão), em sua obra “Ensaio sobre a Cegueira”, cuja protagonização - tendo uma participação diferenciada - destaca-se, primeiro por não ser contaminada pela cegueira e segundo por suas atitudes, ao passo que age de forma racional diante de uma catástrofe causada pela epidemia de cegueira. Nesta perspectiva, os questionamentos surgidos ao longo das pesquisas serviram como linha espinhal na forma das seguintes perguntas: Como a mulher do médico manteve a visão em uma catastrófica epidemia de cegueira?

Como conseguiu agir de forma racional, mesmo quando a situação tornou-se desesperadora para todos que estavam cegos? O que a levou a ajudar, além de seu marido, um grupo de cegos, mesmo tendo que viver em um local subumano (abandonados à própria sorte) na luta pela sobrevivência?

Neste intuito, tem-se por finalidade, analisar sobre o perfil racional da protagonista, frente a uma epidemia de cegueira, onde a racionalidade e a bondade da personagem identificada como “mulher do médico”, no decorrer da narrativa, faz despertar naqueles que cegaram a vontade de ver, mas não o mesmo “ver” de antes, mas sim uma nova visão sobre a vida e os valores (n) dela.

Por este motivo, ao acompanhar o desempenho da protagonista é possível observar que o autor chama a atenção para o aspecto do subjetivo, sugerindo que a humanidade necessita refletir e refazer os seus passos, parando para pensar e decidindo pelo melhor caminho a ser seguido, onde o egoísmo não exista e onde o amor possa enraizar-se, só assim evitando o mal, a destruição, a cegueira.

Assim sendo, como ideia central desta monografia tem-se por finalidade, investigar a relevância na atuação da personagem identificada apenas como mulher do médico, na obra Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago, mais precisamente analisar o seu perfil racional diante horror.

A pesquisa utilizou-se dos seguintes métodos: enquanto a forma de abordagem foi utilizada a pesquisa qualitativa, que atua como instrumento de levantamento de dados e informações que ofereça uma descrição pertinente do estudo levando em considerações os fatos relevantes no contexto histórico de José Saramago.

Para identificação, compreensão e análises se fez necessário utilizar a pesquisa bibliográfica e documental tendo como subsídios livro, monografias, dissertações e artigos científicos, para a fundamentação do tema abordado. Dando suporte e direcionamento ao assunto aqui proposto, elencando as principais ideias e informações para melhor compreensão e tornando ricos os argumentos.

Destarte, essa monografia estará dividida em dois capítulos, onde o primeiro, intitulado “A Obra de Saramago”, tratará da complexa obra que leva o leitor à reflexão e apresenta uma cegueira metafórica. Ainda nesse capítulo, além do contexto histórico, se abordará o enredo, a estrutura e a biografia do autor; O segundo capítulo, intitulado “O que significa estar socialmente cego?”, tratará o tema do egoísmo, que aliena e deixa o ser humano totalmente cego. Também abordará a

racionalidade da mulher do médico, os demais personagens, a saber: o médico e os outros cegos, percebendo as suas contribuições para a construção da narrativa e o motivo da racionalidade e da imunidade da mulher do médico, e também tratará da violência contra as mulheres na obra, onde se analisará a obra em pontes com a realidade. Seguindo-se, esta monografia ainda exporá a metodologia de pesquisa utilizada, as considerações finais e as referências empregadas para a tessitura deste trabalho de conclusão de curso.

## 2 A OBRA DE SARAMAGO

Merecido título de um dos maiores literatos portugueses contemporâneos, José Saramago é consagrado no panorama literário mundial por sua vasta produção, sobretudo pelos seus romances traduzidos em diversos idiomas, distribuídos mundialmente.

Autor de um pensamento com profundidade filosófica se mostra como um grande observador da humanidade, destacando as suas belezas e controvérsias. Pode-se, portanto, mencionar que Saramago incumbe o leitor a uma visão amplificada da condição humana através de sua obra “Ensaio sobre a Cegueira”, escrita em 1995, ao passo que esta se apresenta como uma obra complexa, capaz de levar o leitor a refletir sobre a moral, os costumes e a ética, por meio das ações de pessoas presentes em uma sociedade fictícia, podendo, por sua vez, representar uma sociedade real.

De outro modo, sabe-se que Saramago sempre está com o pensamento voltado para o mundo, para a vida e para as coisas ao seu redor e é com os pensamentos vagos que lhe surge a ideia sobre a cegueira retratada em sua obra, simplesmente no horário de almoço. Num momento de divagação lhe veio a inspiração. Esta era a forma como José Saramago idealizava suas obras, como o próprio autor deixa claro como surge seus textos. Como explícita em uma de suas frases famosas onde ele diz: “Sou um escritor atípico. Só escrevo porque tenho ideias. Sentar-me a pensar que tenho que inventar uma história para escrever um livro nunca me aconteceu e nunca me acontecerá. Necessito de algo que me sacuda por dentro e que me agarre com força para que eu entenda que ali há qualquer coisa pra contar”.

A partir do mencionado pode-se observar que o autor vai de encontro aos anseios do leitor, ao criar obras maravilhosas como “Ensaio sobre a Cegueira”, que mesmo tendo sido lançado em 1995, ainda hoje é uma narrativa altamente indicada, e também lida. Este precioso livro, também foi adaptado para o cinema em 2008, depois de muita resistência por parte do autor, até que decide permitir ao brasileiro Fernando Meirelles, que o transformasse no grande filme “Blindness” (título em inglês). A história que embasa o filme é basicamente a mesma da obra. Esta, por sua vez, trata-se de uma narrativa escrita de forma metafórica para apresentar uma

epidemia de cegueira, da qual o autor define como “treva branca”. Sobre o mesmo foi capaz de dizer o autor:

Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. Nele se descreve uma longa tortura. É um livro brutal e violento e é simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso. (ARAÚJO, 2009, p.131)

Na obra se destacam tanto os valores sociais que o autor quer condenar como a crueldade, o egoísmo, o consumismo e a competição, quanto os valores que pretende fazer prevalecer, como o respeito ao outro, a dignidade, a coragem, a solidariedade e a convivência. A dor do escritor era causada por ter de falar de forma brutal sobre o egoísmo humano, por isso esse seu desabafo.

Por isso, “Ensaio sobre a cegueira” faz-se de uma narrativa escrita de forma metafórica para apresentar uma “cegueira branca”, assim definida pelo autor. Neste aspecto, vale destacar sobre a metáfora nas palavras de Terra (1997), “Toda metáfora é uma espécie de comparação implícita, em que o elemento comparativo não aparece”. Saramago utiliza-se de metáforas para retratar a epidemia de cegueira, e assim, dramatizar de forma cruel as ações do ser humano, sendo a epidemia, a metáfora central em toda narrativa que, por sua vez, não retrata a verdadeira cegueira, mas o “não enxergar”, mesmo de olhos abertos, devido a alguns elementos também metafóricos que impedem de ver. A doença é considerada como um grande mal que não escolhe suas vítimas e todas acabam comumente perdendo (de forma total) o sentido da visão, exceto a protagonista da trama (a mulher do médico).

Sobre isso, Araújo (2009) afirma que:

A cegueira das personagens principais (o primeiro cego, o ladrão, o médico, a rapariga de óculos escuros, o garotinho estrábico, o velho da venda preta) e das secundárias é uma cegueira metafórica, denunciadora do mal-estar representativo de nossa época, tradutora da alienação, do medo, da ignorância e da indiferença que abrem espaço para a barbárie irromper no cotidiano (ARAÚJO, 2009, p.22)

Genialmente, ao iniciar a narrativa, Saramago constrói a primeira vítima no meio do trânsito, mais precisamente no sinal vermelho. Um homem, cega repentinamente, causando um tumulto em uma avenida de uma cidade grande. Ninguém entende, porque ao sinal verde um motorista continua parado. Como era

de se esperar, o sinal verde muda para o amarelo e depois para vermelho novamente e nada muda em relação ao motorista que continua no mesmo local. Este, não entende o que está a acontecer consigo, vendo-se em desespero é cercado por populares, os quais, de início, não compreendem o que está se passando, e ele, aflito, declara que está cego.

O autor mostra com maestria o momento da primeira cegueira atrelada à loucura da vida urbana no seguinte trecho onde mistura falas da personagem à do narrador (ibid. p. 12), “a última imagem recolhida, uma luz vermelha, redonda, num semáforo. Estou cego, estou cego, repetia com desespero enquanto o ajudavam a sair do carro [...]”. Dessa forma, começa a epidemia de cegueira, que irá causar uma grande destruição a partir dessa primeira vítima.

Como se pode perceber, esta cegueira acontece de repente e de maneira inexplicável, sem nenhuma causa que seja de origem filosófica ou mesmo anatômica, o referido mal se diferencia da cegueira convencional por não se apresentar como treva, ou total escuridão, mas como o mal branco, como se as vítimas mergulhassem no mar de leite de olhos abertos, numa treva branca, num denso nevoeiro.

Logo depois de ficar cego, a primeira vítima tenta explicar o tipo de cegueira a qual foi acometido, não conseguia decifrar com precisão o tipo, como explícita a citação a baixo:

O cego ergueu as mãos diante dos olhos, moveu-as, nada, é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se estivesse caído num mar de leite, mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira, dizem que é negra. Pois eu vejo tudo branco. (SARAMAGO, 1995, p.13)

A partir da primeira pessoa vitimada, a cegueira se alastra levando a uma verdadeira catástrofe, contagiando outras pessoas de forma inacreditável. Ao longo da narrativa o leitor é levado a refletir sobre o que representa essa cegueira exagerada. Logo, Saramago chama a atenção dos leitores de forma brusca, porém necessária, mesmo que proposital cega à primeira vítima exatamente no meio do trânsito, no sinal vermelho, o que o faz sentir-se totalmente perdido. O autor alude sobre a questão da vida do homem moderno, pois o seu cotidiano é tão corrido que, às vezes, nem o sinal vermelho o faz parar, o que pode lhes trazer consequências. Contribuindo com esta situação Agnes (2010), discorre:

O cegar-se com a última imagem no vermelho parece querer nos apontar a urgência de se parar. Parar de seguir na direção costumeira. A cegueira branca obriga o cego a ter cuidado com os próximos passos. Ele já não pode mais seguir no mesmo ritmo como se nada estivesse acontecendo. (AGNES, 2010, p. 05)

Com base no que foi mencionado, Saramago quer indicar que o homem está muito acelerado e que precisa parar. Por isso, assim como o sinal vermelho indica uma parada obrigatória naquele momento, por mais apressado que possa estar o motorista, a luz branca (que o autor utiliza) vem parar o homem, fazendo-o também frear os impulsos da vida moderna e as suas consequências.

Nesse intuito, Saramago explícita em sua obra dizer: Pare! Olhe! Escute! Esta foi a melhor forma de alertar o ser humano para a grande necessidade de parar e enxergar o que está a sua frente, já que no mundo moderno a pressa é inimiga da atenção, da paciência e da tolerância humana. O autor alerta que é hora de desacelerar, parar um pouco e refletir, olhar ao seu redor, enxergar e entender que a pressa deixa o ser humano cego.

Logo em seguida, depois do primeiro contágio, o próximo cego, será o ladrão (é o homem que oferece ajuda ao primeiro cego a chegar à sua casa). Este, no entanto, ao chegar ao apartamento, quis entrar um pouco e aguardar a esposa do cego chegar, mas ele não aceitou. O referido “ajudante” ao perceber que poderia lhe roubar o carro sem nenhum problema o fez, quando desceu a porta do prédio. Contudo o ladrão não tardaria a cegar também e se tornar a segunda vítima.

Quando a esposa chegou e depois de saber de toda situação de cegueira, imediatamente ligou para uma clínica oftalmologista e marcou uma consulta de urgência. Ao chegarem, observaram algumas pessoas já aguardando serem chamadas, sendo elas: uma mulher com óculos escuros, a proteger a conjuntivite, um rapazinho estrábico com sua mãe, um velho com uma venda preta nos olhos e outras duas pessoas. O médico manda que logo entre, já que o caso era uma cegueira instantânea, branca como um mar de leite assim descrito pelo cego, um caso talvez grave. Porém depois de todos os exames o médico não detecta nada de errado nos olhos do que se dizia cego, já que a sua visão parecia estar perfeitamente normal.

Todos que ali estavam serão contagiados, inclusive o médico. E assim acontece a cegueira que vai se alastrando até contaminar todos com exceção da

“mulher do médico”, que estará em todo o contexto, porém, sempre com sua imunidade e racionalidade preservadas.

## **2.1 Breve contexto social e biografia de Saramago**

Publicada inicialmente em 1995, a referida obra mostra o caos instaurado quando um dos sentidos humanos (a visão) falta a uma grande parcela da população. Intitulada “Ensaio sobre a Cegueira”, a obra de Saramago critica os valores sociais, mostrando-os frágeis, pois, onde ninguém vê, teoricamente nada aparece, elucidando que os valores – sejam morais ou materiais – são apenas convenção. Nesse contexto, a obra mostra os lados podres do ser humano, a sexualidade aflorada, o abuso, o pudor que já não existe porque não é visto, até à imundície que se instala por toda a cidade.

José Saramago faz uma crítica ao sistema capitalista indo de encontro aos reflexos da autovalorização das coisas, do consumismo, do egoísmo e do egocentrismo, entre outros, que são fatos presentes no cotidiano, na vida contemporânea, onde os valores ficaram restritos ou mesmo desaparecidos devido à vida moderna, à pressa, ao excesso de tudo, fatores que acabaram vitimando a humanidade.

Sobre isto, autores como Gomes, afirmam que:

Situações como essa são corriqueiras na cidade pós-moderna, onde as empresas televisivas, os jornais e as rádios se desesperam em busca de uma notícia vendável. Dessa forma, consideramos que a vida na cidade saramagueana nada mais é do que a vida na sociedade pós-moderna, pois nesta os seus cidadãos encontram-se cegos pelo tempo, pelo consumo, pelo dinheiro, pelas máscaras, pela mídia, Enfim, por um sistema de controle que oprime e aliena a população. Portanto, consideramos que a cidade saramagueana é metafórica e equivale a qualquer cidade pós-moderna. (GOMES, 2009, p. 05).

A cegueira metafórica de Saramago representa a falta de visão clara das coisas que se faz presente em toda a trama, oprimindo e humilhando as pessoas, levando-as a um estado deplorável, realçando a insensibilidade e a indiferença e mostrando uma degradação humana sem limites. Neste sentido, o autor menciona que o homem em busca de suas necessidades, sustenta o individualismo, deixando de lado os valores éticos e morais, como colabora Oliveira, no seguinte trecho:

Ao utilizar a cegueira como uma alegoria, o autor configura o estado de crise por que passam as sociedades capitalistas do século XX, nas quais, frequentemente, os limites entre civilização e barbárie são rompidos. (OLIVEIRA, 2011, p.171).

Sobre o autor, sabe-se que José de Sousa Saramago nasceu numa família de camponeses em Azinhaga, ao sul de Portugal, em 1922. A trajetória literária deste autor é bastante interessante pelos diferentes gêneros que desenvolve: da poesia ao teatro, do jornalismo à ficção.

Sua atividade como escritor iniciou-se em 1947, com o livro 'Terra do Pecado', e em 1966, lança 'Os Poemas Possíveis'. Atuando como crítico literário e jornalista, passa a escrever no Diário de Notícias e a partir de 1975, passa a viver de literatura, primeiro como tradutor, depois como autor.

Saramago foi o criador de um dos universos literários mais sólidos do século XX, unindo a atividade de escritor com a de crítico da sociedade, ao denunciar por meio de suas obras os conflitos políticos de sua época, tendo sido membro do Partido Socialista Português. Entre os seus livros mais importantes estão: "O Evangelho segundo Jesus Cristo", "Ensaio sobre a Cegueira", "A Jangada de Pedra" e "A Viagem do Elefante". Com esta produção riquíssima, Saramago, este renomado escritor, conquistou em 1995 o Prêmio Camões e, em 1998, o Prêmio Nobel de Literatura.

Cristalizando o seu papel de crítico, nota-se na obra "Evangelho segundo Jesus Cristo", uma forte crítica à Igreja. O tom utilizado foi considerado ofensivo para os católicos e a obra foi censurada em 1992 pelo governo português, por se referir ao nascimento de Jesus como algo comum: "sujo de sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio..." (SARAMAGO, 1991, p.45).

Casado com a jornalista espanhola Pilar Del Rio, Sua felicidade era notória e talvez resultasse de saber-se finito, referindo-se com frequência à ideia da morte. Era dessa forma que insistia Saramago na necessidade de ter tempo e vida. Ter prêmios, glória e fama não lhe traziam a plena realização. Despido de vaidades, dizia que até mesmo ser vencedor do Prêmio Nobel era pouco e insignificante em relação ao universo.

Aos 84 anos dizia que a morte não lhe assustava, porém, a ideia da impermanência sim, pois queria continuar seu trabalho, conviver mais com sua mulher e frutificar a sua felicidade. Com essa percepção, repetia que sua avó não tinha pena de morrer, mas de não estar no futuro, neste mundo que ela achava

bonito e sobre isso ela assim se expressava: - o mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer!

Saramago tornou-se imortal dentro de cada um de seus leitores com o seu pensamento certo, as suas obras maravilhosas, o seu jeito tranquilo de ver a vida. Falece em 18 de junho de 2010, deixando uma filha e dois netos do primeiro casamento. Um ano após o ocorrido, inaugura-se em Portugal a Fundação Saramago, junto a uma árvore centenária trazida da Azinhaga, de um banco de jardim e de uma placa com uma frase retirada de sua obra 'Memorial do Convento': "Mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia".

## 2.2 Estrutura da obra

A obra "Ensaio sobre a Cegueira" é um dos livros mais reconhecidos e mais lidos, em meio à vasta produção literária de José Saramago. Mesmo sendo considerado um livro terrível, em que até mesmo o autor sofre ao escrevê-lo, assim como também leva o seu leitor a sofrer, é um romance bastante requisitado por todos os tipos de leitores. Segundo Saramago, são 300 páginas de constante aflição.

O romance possui uma epígrafe: "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara", uma epígrafe muito bem elaborada, para uma obra que pretende fazer o leitor enxergar e repensar sobre a própria humanidade.

De acordo com o que publicou PISAURO (2010):

Dessa forma, o autor faz um questionamento entre as atitudes do "olhar" como percepção visual e "ver" como reflexão e investigação introspectiva que nos apresenta à vista. Enquanto que repara é desprender-se da artificialidade e mergulha-se no interior humano em busca de autoconhecimento. (PISAURO, 2010, p.02)

O livro possui, mais precisamente, 310 páginas e é dividido em capítulos que, na verdade, não são numerados, fazendo com que o leitor saiba que trocou de capítulo apenas pela troca de páginas. Estes capítulos são um pouco extensos, o que pode incomodar algumas pessoas, especialmente àquelas que gostam de terminar o capítulo antes de pausar a leitura. Note-se ainda que a obra é narrada em 3ª pessoa, com narrador onisciente.

De maneira distinta, Saramago excluiu pontos de interrogação e exclamação de sua obra, sinalizando os diálogos apenas com iniciais maiúsculas. Por isso mesmo, este ensaio é difícil de ser lido, não apenas pelo seu contexto filosófico, mas pelo estilo empregado, citando-se: As falas entre vírgulas que forçam o leitor a um verdadeiro mergulho em suas ideias, sendo impossível parar em meio às ideias do autor; A desconstrução do tempo linear e, sobretudo; As suas idas e vindas nas memórias das personagens, deixando as suas características bem claras (como a mesquinhez que evoca a reflexão sobre os valores que cada um tem da vida, da moral, dos costumes e até mesmo do que é caro). Esse enfoque nas diferentes características dos personagens acaba provocando questionamentos (como: “onde está a mãe do menino estrábico? Cegou, morreu?”) e aproximando-os às pessoas da vida real (nem totalmente boas e nem totalmente más), como é o caso da rapariga de óculos escuros que, a princípio, parece não ter valores, mas depois se mostra como uma filha amorosa, uma amiga e uma mulher capaz de amar (não pela beleza física) pela ternura que as situações a levam.

O Ensaio de Saramago utiliza ainda uma descrição fluida, misturando o discurso direto com o indireto e dispensando recursos como o uso de parágrafos, travessões e aspas. Contudo, observa-se que o discurso direto fica entre vírgulas e, para não confundir demasiadamente o leitor, o autor utiliza letras maiúsculas para diferenciá-lo do indireto. O resultado são frases demasiadamente longas, que se tornam numa escrita confusa e que, inicialmente, até podem parecer difíceis. Mas essa dificuldade desaparece no decorrer da leitura.

Na obra não há referência temporal que permita relacionar o seu contexto histórico e nem identifica o espaço físico onde ocorre a narrativa, mantendo, inclusive, os seus personagens no anonimato ao rotulá-los por sua profissão, parentesco com outros personagens ou traços físicos, como: “a mulher do médico”, “o homem da venda preta”, “a rapariga dos óculos escuros”, “o cão das lágrimas” e etc.

Alguns trechos da obra deixam o item supracitado bem claro, como este:

Ainda estava nesta balança entre a curiosidade e a discrição quando a mulher fez a pergunta directa, Como se chama, Os cegos não precisam de nomes, eu sou esta voz que tenho o resto não é importante, Mas escreveu livros, e esses livros levam seu nome, disse a mulher do médico, Agora ninguém os pode ler, portanto é como se não existissem. ( SARAMAGO, 1995, p. 275)

Dessa forma, ao descobrir as referências de herança, raça e identidade das personagens Saramago deixa implícita a "travessia" que seguirão: a descoberta dolorosa do eu e do outro. Ainda assim, ao eliminar os fatores espaço/tempo da obra, o autor, além de universalizar a temática, faz dela um espelho e convite à reflexão sobre o mundo e a história da humanidade.

Os personagens, cujo papel dentro da obra tem influência direta sobre o enredo podem ser mais bem identificados a seguir:

- A mulher do médico – única que não é contaminada com a cegueira branca que, por isso, passa a desempenhar a função de guia e protetora dos cegos, sendo uma personagem que mantém sua sensibilidade e defende o seu grupo perante a agressividade dos outros. Essa personagem permite ao leitor a reflexão sobre a moral, os costumes, a ética e o preconceito ao se deparar com situações inadmissíveis. Exposta à sujeira e a uma existência miserável em todos os sentidos, ela mata para preservar a si e aos demais e se depara com a morte de maneira bizarra após a saída do hospício;

- O médico – oftalmologista, fica cego enquanto investiga a rara cegueira. O médico da obra é cego a tudo aquilo que acontece com ele e com os seus próprios pacientes em relação à cegueira que os atingem. Ao ser apanhado pela cegueira branca, ele também não sabe o que fazer e não obtém respostas com toda medicina tradicional. Logo percebe que a tal "cegueira branca" implanta um novo campo de investigação, que o oftalmologista não se interessa mais em conhecer;

- O primeiro cego – o primeiro indivíduo a ser contaminado enquanto aguardava o sinal abrir.

- A mulher do primeiro cego – ela reencontra o marido no manicômio;

- O cego ladrão – oferecendo-se a ajudar o primeiro cego, roubou-lhe o carro. Enquanto esteve no manicômio, foi morto por soldados que cuidavam do lugar;

- O velho da venda preta – paciente do médico, possuía catarata em um dos olhos, foi contaminado com a cegueira branca no olho que ainda enxergava;

- A rapariga dos óculos escuros – prostituta, que se consultou com o médico devido a uma conjuntivite. Teve relações sexuais com ele enquanto estava no manicômio. Ao sair de lá, relaciona-se com o velho da venda preta;

- O rapazinho estrábico – levado ao manicômio sem a companhia da mãe. Lá, a rapariga dos óculos escuros passou a desempenhar esse papel materno;
- O cachorro das lágrimas – encontrado pela mulher do oftalmologista que o abraça e faz dele seu animal de estimação;
- O cego da pistola – chefe que comandava o grupo de cegos malvados que causava terror aos demais no manicômio;
- O cego da contabilidade – antes da epidemia já era cego, sabia o alfabeto Braille e práticas contábeis;
- A velha do andar de baixo – vizinha dos pais da rapariga dos óculos escuros, sozinha e abandonada, não aguentou e morreu;
- A cega das insônias – tinha dificuldade para dormir no manicômio, ao ser agredida pelos cegos malvados, não aguentou e morreu e;
- O escritor – ao ser expulso de seu próprio apartamento, passou a morar no apartamento do primeiro cego. Mesmo contaminado com a treva branca, continuou a escrever, pois sem isso não seria capaz de viver.

Nesta perspectiva, vê-se que a obra tem como espaço uma cidade grande, com um manicômio, supermercados, lojas de roupas e calçados e apartamentos.

### **2.3 Enredo**

O livro “Ensaio sobre a Cegueira” apresenta-se como uma obra metafórica que vai retratar uma epidemia de cegueira que contagia as pessoas inexplicavelmente. No entanto, a cegueira contagiante não diz respeito à cegueira tradicional, mas sim, a uma “treva branca” (como é descrita), em que a claridade em excesso cega e todos enxergam apenas um excesso de brancura, com exceção da personagem conhecida apenas por ser mulher do médico oftalmologista.

O romance inicia-se com a história da epidemia de cegueira que ocorre, mais especificamente no semáforo, durante o sinal vermelho, num cenário de carros, motoristas e pedestres em uma avenida movimentada. Um homem fica cego. É o primeiro caso de cegueira e sem nenhum motivo aparente. Esta cegueira repentina causa um tumulto em uma avenida de uma grande cidade não identificada. Ele não entende o que está a acontecer consigo, vendo-se em desespero é cercado por

populares, os quais, de início não compreendem o que está se passando e ele, aflito, declara que está cego.

Como se pode observar, há o relato da primeira vítima, no momento exato em que perde a visão, na descrição de Saramago, (1995, p.12), que diz: “[...] a última imagem recolhida, uma luz vermelha, redonda, num semáforo. Estou cego, estou cego, repetia com desespero enquanto o ajudavam a sair do carro”. A partir desse personagem, as sensações de incapacidade, medo e pavor são representadas na narrativa, a epidemia de cegueira irá causar uma grande destruição.

No momento seguinte, um homem se oferece para ajudá-lo a chegar até sua casa. O rapaz, levado pelo impulso no instante seguinte, aproveita para roubar-lhe o carro, só não imaginava que seria contagiado e, quando quis sentir um pouco de remorso, sai do carro estando inexplicavelmente também cego. Esta é a segunda vítima.

Quando a esposa do primeiro cego chega à sua casa e depois de saber de toda a situação de cegueira, imediatamente liga para uma clínica oftalmológica e marca uma consulta de urgência. Ao chegarem ao consultório, ela observa algumas pessoas já aguardando para serem chamadas, sendo elas: uma mulher com óculos escuros (a proteger a conjuntivite), um rapazinho estrábico com sua mãe, um velho com uma venda preta nos olhos e outras duas pessoas. O médico manda que logo entrem, já que o caso era uma cegueira instantânea, branca como um mar de leite, assim descrita, um caso talvez grave. A mãe do rapazinho estrábico contesta seus direitos, mas o médico o manda entrar, pois era caso de urgência. Porém, depois de todos os exames, o médico não detecta nada de errado nos olhos do que se dizia cego, já que a sua visão parecia estar perfeitamente normal.

Todos que ali estavam serão contagiados, inclusive o médico e, assim, acontece a cegueira que vai se alastrando até contaminar a todos, com exceção da “mulher do médico”, que estará em todo o contexto, porém, sempre com a sua imunidade e racionalidade preservadas.

A mulher do médico é retratada então como uma simples dona de casa, uma esposa amorosa e dedicada, diferente dos outros personagens que atuam com posições diversas.

No segundo momento acontece o confinamento. Depois de ficar sabendo através do médico oftalmologista da cegueira que foi se alastrando, o Governo decide recolher os contagiados e levá-los a um manicômio abandonado. As

autoridades decidem afastá-los de forma brusca do “mundo civilizado”, conforme se percebe no trecho a seguir:

O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece verificar-se algo de semelhante a um surto epidêmico de cegueira. (SARAMAGO, 1995, p. 50)

Deste modo, o Governo ilude os cegos informando-os de que irá garantir comida, água, além dos produtos de limpeza e higiene necessários para que eles vivam (ou se virem) sozinhos. O Governo promete ainda um telefone para atender eventuais necessidades, contudo, prende-os e os abandona como se fossem animais. Neste caso, é mesmo como animais egoístas na luta pela sobrevivência que passam a viver os cegos no manicômio.

Os primeiros a serem recolhidos são o médico e a sua mulher (que teve que fingir-se de cega para acompanhar o marido e mais quatro cegos). No manicômio, cada vez mais chegavam mais pessoas contaminadas.

Notoriamente, viver no manicômio era o mesmo que morar no inferno, pois, além do grande mal da cegueira, as pessoas vivenciaram coisas terríveis dentro desse espaço. Desde o abandono e o descaso pelo sistema governamental, à fome, porque a comida que era distribuída de forma organizada passou a ser negociada depois de alguns dias, após a chegada dos cegos maus. Também fazem parte das coisas horríveis do lugar o lixo e a podridão do próprio local, resultantes dos dejetos de todos os confinados, o uso do poder de forma egoísta pelos cegos considerados malvados, a violência e a humilhação sofrida pelas mulheres, principalmente com o acontecimento de estupros coletivos humilhantes. Deste fato, o horror se faz presente ainda com o resultado de muitas mortes neste lugar.

Ainda em relação a esta etapa do livro, pode-se mencionar que três momentos caracterizaram o confinamento, sendo: O primeiro, quando as primeiras pessoas chegam ao local e se organizam para sobreviver com a ajuda da mulher do médico; O segundo, quando ocorre o momento difícil da chegada de outros cegos (considerados malvados) que trazem com eles as mais terríveis barbáries. Estes cegos, de posse da comida e com uma arma de fogo, subordinam os demais aos seus caprichos e, depois de roubarem-lhes os seus pertences em troca de comida, em seguida exigem que a troca seja feita por mulheres, representando o ato mais

cruel de violência contra as mulheres na obra, uma vez que elas são estupradas coletivamente e; O terceiro, quando conseguem sair do manicômio após um grande incêndio.

Depois de sofrerem de tudo no confinamento, todos fracos e sem comida, resolvem lutar contra os cegos considerados malvados para não morrerem de fome. O resultado é o grande incêndio mencionado que se alastra rapidamente e mata alguns cegos. Outros conseguem sair, mesmo que para isso matem pisoteadas algumas pessoas. Contudo, somente o grupo protegido pela mulher do médico consegue sair logo, pois contam com a ajuda da visão que ela possuía.

A partir dessa situação, os cegos finalmente voltam ao mundo exterior, ou seja, voltam à cidade. Porém, esta se encontra totalmente degradada pelo caos resultado da epidemia de cegueira, frisando aqui que todos estavam cegos e passaram a viver como zumbis atrás de alimento e amparo, como retrata a seguinte passagem:

Pelo meio vagueavam os cegos, a maior parte deles de gatas, varrendo com as mãos o chão imundo, esperando encontrar ainda algo que pudesse aproveitar, uma lata de conserva que tivesse resistido às com que tentaram abri-la, (SARAMAGO, 1995, p. 219)

A única personagem que enxergava continuava a proteger os seus e sai à procura de comida, mas sempre com o cuidado de não se separarem e se perderem. A cidade estava destruída, não havia muita esperança, mesmo assim, ela nunca desistiu de lutar pela sobrevivência e “bem estar” do seu grupo.

Por fim, o momento que finaliza a narrativa ocorre já na casa da mulher do médico, depois dela e o grupo vagarem por toda a cidade em busca de alimento. Os cegos, depois de limpos e cuidados por esta mulher, agora em sua casa, enfim voltam a enxergar um a um. Confirma-se o discorrido neste trecho da narrativa:

Vejo. O primeiro grito ainda foi o da incredulidade, mas com o segundo, e o terceiro [...] Vejo, vejo, abraçou-se à mulher como louco, depois correu para a mulher do médico e abraçou-a também, [...] agora voltara-se ao médico, Vejo, vejo, senhor doutor.[...] Então o médico disse [...] É possível que esta cegueira tenha chegado ao fim, é possível que comecemos todos a recuperar a vista, a estas palavras a mulher do médico começou a chorar. (SARAMAGO, 1995, p. 307)

Assim chega-se ao final da trama com as pessoas voltando a enxergar de maneira inexplicável, da mesma forma que repentinamente e inexplicavelmente eles cegaram.

Por toda a narrativa esteve presente a mulher do médico, desempenhando um grandioso papel, sempre lúcida por todo enredo, demonstrando o amor e a sensibilidade. Mas, não se pode deixar de mencionar que, apesar de enxergar, esta personagem sofre muito mais do que os contaminados, pois os seus olhos viam de tudo, como a desonestidade, a traição do seu marido, a maldade de alguns cegos (que, apesar de cegos, não se tornaram nunca humildes), assim como a fome e a morte que se fizeram presentes diante dos seus olhos. Mas, ela também pode ver que, aos poucos, os cegos que ela protegia foram agindo de forma diferente, tendo consciência sobre as coisas e a própria vida, sendo isto o que ajudou a se manterem sempre unidos até o final do romance.

### 3 ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: O que significa estar socialmente cego?

Para se entender a cegueira social, é necessário conhecer o significado de cegueira. Segundo o dicionário de português online, entende-se cegueira por: 1 - privação do sentido da visão em um ou ambos os olhos e; 2 - (sentido figurado) - falta de lucidez ou de sensatez, desvairamento, perturbação. A partir desses significados fica mais fácil compreender que a cegueira presente na narrativa, apesar de se mostrar “física” nas personagens, está voltada para o sentido figurado, ao representar a falta de lucidez ou de sensatez.

De tal maneira, a cegueira na obra passa a representar várias formas de estar cego, ou seja, indo desde a cegueira física, de forma convencional à cegueira no sentido alegórico por não conseguir “enxergar” os aspectos essenciais do convívio social e da vida humana e assim viver em total “escuridão”. Por isso mesmo, há situações em que a cegueira pode acontecer emocional e psicologicamente como também, moralmente.

Nessa linha de conhecimento, ressalta-se no romance de Saramago a sua metafórica narrativa sobre uma epidemia de cegueira que se alastra rapidamente contaminando a quase todos, pois, sua única exceção é uma mulher (a mulher do médico, como já referenciada ao longo desta monografia). De acordo com o autor, a cegueira metafórica representa o não enxergar mesmo de olhos abertos, ou seja, o aspecto de querer enxergar só o que lhes interessa ou o que é pertinente, mencionando o perigo deste tipo de atitude por levar o ser humano à total degradação por conta de tal visão comprometida.

Noutros aspectos, focando sobre problemas da visão (no aspecto metafórico), é importante enfatizar sobre o homem moderno que, segundo Saramago, encontra-se de certo modo cego, pois possui a cegueira que não lhe permite enxergar o próximo, visando e sustentando o individualismo e buscando suprir somente as suas próprias necessidades ao deixar de lado os valores éticos e morais.

Sobre isso, autores como Carol (2016) contribuem dizendo:

A metáfora da cegueira branca retratada é, pois uma cegueira da razão; são os olhos da razão que não veem, mas porque não o querem, estão adormecidos ou anestesiados. Estão cegos em sua individualidade, o ser humano perdeu o hábito de reparar, de perceber a dor e se colocar no lugar de um semelhante. A intenção do autor é, através da narrativa dos fatos, provocar uma reflexão, mas que não pare no simples ato de pensar em si e sim numa reflexão que nos leve a mudar de atitude. (CAROL, 2016, p. 434,)

As características da sociedade e do homem moderno fazem com que Saramago ensaie em sua obra sobre o egoísmo exacerbado que impera, perceptivelmente, na sociedade contemporânea e torna este mesmo indivíduo completamente cego.

Sob mesma ótica, nota-se que o autor declara sobre o aspecto supracitado: “na verdade ainda está por nascer o primeiro ser humano desprovido daquela segunda pele a que chamamos egoísmo” (SARAMAGO, 1995, p.169) e completa, com uma de suas frases famosas, “O egoísmo pessoal, o comodismo, a falta de generosidade, as pequenas cobardias do cotidiano, tudo isto contribui para essa perniciosa forma de cegueira mental que consiste em estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que, em cada momento, for susceptível de servir os nossos interesses”.

Dessa maneira, fica cada vez mais evidente que este é o principal motivo da epidemia avassaladora existente nesta obra, retratada como cegueira branca, aquela que não somente ofusca a visão, mas impede o homem de “ver”.

### **3.1 A mulher do médico: a racionalidade diante da indigna condição subumana**

Um dos romances mais lidos e analisados de José Saramago, “Ensaio sobre a Cegueira” tem em relevância a presença feminina. A protagonista, identificada apenas como “a mulher do médico”, assume um papel fundamental para o desenrolar de toda a trama, com a sua racionalidade como um componente de ação invejável, mesmo em situações em que o comportamento humano chega a ser repugnante. De fato, ela apresenta uma forma especial de agir, principalmente por sempre pensar em ajudar o outro, mesmo no limite de suas forças, com agilidade, coragem e amor.

De tal modo, esta personagem se diferencia por ser a única entre homens e mulheres contagiados, que continua mantendo a visão frente à temida cegueira, passando assim a assistir situações em que o comportamento humano se rebaixa à maior crueza irracional, com a percepção de muito sofrimento e com o descaso a vida humana, especialmente por terem sido obrigados a viverem dentro de um local abandonado e indigno.

Conseqüentemente, a mulher do médico se torna a única testemunha do estrago deixado pela contaminação, registrando por meio da visão as maiores barbáries de toda a obra. No entanto, colocando-se contra a crueldade e a desumanidade presentes no enredo, esta personagem mantém-se lúcida e comprometida em ajudar os cegos à sua volta, com respeito e solidariedade.

Por conseguinte, a primeira manifestação de ajuda e companheirismo é para com o seu marido (o oftalmologista outrora mencionado), representando uma ação por amor. Ele se torna vulnerável depois de ficar cego, logo após atender em seu consultório a primeira vítima da epidêmica cegueira. O médico então, ao perceber que a cegueira era contagiosa, declara se tratar de uma epidemia desconhecida e teme que sua mulher também seja afetada pela doença, porém, ela não demonstra medo e, ao contrário, mostra-se decidida, conforme se pode ler no seguinte trecho:

Deixa-me, deixa-me, não deixo, gritou a mulher, que queres fazer, andar aos tombos, a chocar contra os móveis, à procura do telefone, sem olhos para encontrar na lista os números de que precisas, enquanto eu assisto tranquilamente ao espetáculo, metida numa redoma de cristal à prova de contaminações. Agarrou-o pelo braço com firmeza e disse, vamos, meu querido. (SARAMAGO, 1995, p.39)

A sua disposição por amor em favor do outro (primeiramente o seu marido) vai comprovar o perfil dessa mulher em vários momentos importantes no romance, como o que acontece quando ele (o marido) precisa ser recolhido em quarentena por decisão dos governantes. O que se percebe é a atitude firme da protagonista que não pensa duas vezes e passa a se fingir de cega para poder ficar junto do esposo. Ao longo da trama, nota-se essa racionalidade ágil da protagonista ao buscar uma saída, como Saramago descreve a seguir:

Finalmente subiu e sentou-se ao lado do marido. O condutor da ambulância protestou do banco da frente, Só posso levá-lo a ele, são as ordens que tenho saia. A mulher, calmamente respondeu, Tem de me levar, também a mim, ceguei agora mesmo! (Ibid., p. 44).

Partindo-se dessas primícias, ressalta-se que a abordagem central desse estudo é a racionalidade da protagonista a partir das atitudes tomadas. Não é de se estranhar que Saramago construa a personagem como uma esposa dedicada, amorosa, sensível e companheira, como retrata essa passagem: “Bons dias, meu amor, ainda se saudavam com palavras de carinho depois de tanto tempo de casados” SARAMAGO, (p.38). Assim, com essas qualidades, Saramago se permitiu

escolher a mulher do médico como sendo ideal para o desenvolvimento de sua trama, fazendo-a cada vez mais forte, decidida e corajosa com o desenvolvimento do enredo, ao passo que toma as decisões necessárias sem deixar perceber nenhum tipo de fragilidade, na luta pela superação ao sofrimento junto a um grupo de cegos que protege.

Sobre isto, autores como Pires (2011) corroboram:

Ao colocar a mulher na função de protagonista, isto é, quem realiza as ações determinantes no desenvolvimento do enredo, Saramago representa, no plano da ficção, a ascensão da mulher, no plano histórico, ao centro das decisões de comando. (PIRES, 2011, p.52)

Logo, a protagonista, no decorrer da narrativa, irá mostrar-se peça fundamental para a sobrevivência do grupo e superação das dificuldades em busca de uma solução ou saída.

Contudo, ao contrário de alguns personagens, ela não possui nenhum vínculo empregatício que a rotulasse por uma profissão, sendo uma mulher simples, com as qualidades de uma mulher virtuosa, que cuida da casa e do marido de maneira carinhosa. Para o autor ficou fácil firmar sobre ela, o poder de controle e raciocínio diante de todo o horror que discorre sua obra, mostrando-se sensata a toda situação que presencia e que também é obrigada a viver. Segundo Araújo, (2009):

A voz narrativa identifica as personagens segundo as suas características físicas ou sua profissão, na verdade, apresenta-nos o quadro da sociedade atual, em que o status social ou a aparência física é o fundamental. Contudo, seu intuito principal é universalizar a experiência, generalizar os nomes. Da mesma forma, dá vida a personagens simples e comuns do dia-a-dia e coloca-as como centro da narrativa, estas têm seu cotidiano alterado bruscamente pela cegueira e são atropeladas pela violência, conduzidas à exclusão, ao confinamento sem nenhuma opção, numa sorte de descida ao inferno sem qualquer auxílio, a não ser o da mulher do médico, a única que enxerga. (ARAÚJO, 2009, p.23)

Neste âmbito, identificada na obra apenas como “a mulher do médico” é evidente que a protagonista não possui uma profissão remunerada, ou seja, não depende de um sistema privativo e isso já a difere dos outros que são identificados por suas profissões, implicando-se dizer que o valor do ser humano é reduzido ao papel que ele desempenha, a uma função, isso a partir do sistema capitalista. Nesse sentido, a atuação de um empregado se transforma em mercadoria, ao passo que o agir da mulher do médico não. Ela, realizando ações por amor, realiza-se. Tendo

contato com as coisas mais simples e ao mesmo tempo essenciais no cumprimento de suas tarefas do lar.

Dessa forma, Saramago enaltece o papel da mulher em sua obra, chamando a atenção do leitor para refletir valores abandonados pela sociedade moderna, que se alimenta do individualismo, do egoísmo, e da falta de amor, os quais também se encontram presentes na obra.

Sobre este apontamento, autores como Belchior (2010), afirmam que:

Saramago, além de situar uma pessoa no texto que possui a capacidade de ver, propositalmente colocou esse papel a uma personagem feminina. Ora, é mais uma crítica, dessa vez, as ações preconceituosas da sociedade modernista e machista. É a igualdade de papéis na sociedade. Saramago fez da mulher, o ponto de partida para o. A mulher do médico, para Saramago, possui as características necessárias recomeço, mostrou através da personagem, que nossas ações são modificadoras da sociedade, é a mudança de atitude que tratará as mazelas do mundo para a sociedade torna-se imune à cegueira, (BELCHIOR, 2010, p.21)

No universo do texto, pode-se perceber claramente, que a principal personagem, mostra características edificadoras como a solidariedade e a generosidade as quais ajudam no equilíbrio e na convivência do grupo. A solidariedade da mulher do médico estende-se às outras pessoas e faz com que ela aja como um verdadeiro anjo a proteger aqueles que se juntaram a ela na primeira camarata do manicômio, local para onde foram recolhidos.

Em vista disto, por toda a narrativa o leitor se depara com os atos que comprovam as boas ações realizadas pela mulher do médico e que também são reconhecidas por seus protegidos, como por exemplo, quando esta é vista como “tão forte”, “tão boa” como pode confirmar a fala da rapariga dos óculos escuros: “Se a senhora, que é tão forte, está a desanimar, então é porque não temos mesmo salvação [...] A senhora é muito boa, disse a rapariga, depois, baixando a voz”. (Ibid. p. 100 - 101).

De acordo com o explicitado, Saramago cuida para que a sua principal personagem seja uma mulher que realmente pensa e realiza ações por amor, doando-se inteiramente pelo próximo, mesmo não tendo em mente o que os esperava mais à frente, quando chegassem ao seu final destino, neste caso o manicômio, um local abandonado e imundo escolhido pelo governo para refugiar os contagiados como forma de prevenção e controle da doença.

Torna-se possível, a partir de toda a análise e leitura da obra, mencionar que somente ela tem essa capacidade, ao passo que lutou até o fim ensinando a importância de viver em grupo e unidos, além das opiniões a força e a coragem quando se tem um mesmo objetivo. Assim sendo, de forma espontânea a mulher do médico ao chegar ao manicômio, estende a sua solidariedade aos cegos que chegam (os primeiros contagiados pela epidemia de cegueira, os mesmos reconhecidos por seu marido - o médico - que teve contato diretamente com eles em seu consultório).

Como se pode notar ao longo da obra, ela mantém a sensibilidade, conseguindo ajudar, além do seu marido, um grupo de cegos identificados apenas como: o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, o cego ladrão, o velho da venda preta, a rapariga dos óculos escuros e o rapazinho estrábico. Este é o grupo de pessoas que foram atendidos pelo oftalmologista (o médico), do qual a mulher do médico se torna uma espécie de protetora e, ao mesmo tempo, assume o papel de líder. Ela está sempre à frente de tudo, buscando o melhor para aqueles que agora se encontram perdidos por causa da cegueira.

Decerto, manter um pensamento equilibrado em situações que normalmente levariam ao desespero é uma qualidade para um número cada vez mais restrito de pessoas, especialmente por causa da correria cotidiana, onde a pressa e a falta de tempo deixam as pessoas distantes uma das outras e faz com que elas se esqueçam de que não têm o domínio completo de suas vidas.

Diante do elencado e ainda em relação ao papel de destaque da protagonista, vale ressaltar a capacidade de raciocínio da mulher do médico frente à total degradação das pessoas, por que se mostra solidária ao sofrimento, realizando ações em que os valores acima citados, são preservados. No decorrer da narrativa pode-se comprovar em várias passagens, a ação desta mulher diante da difícil luta por sobrevivência, vai se permitir primeiro pensar não somente nela, mas no próximo, nos outros cegos os quais de sua ajuda dependem pela limitação imposta por meio da doença. Com isso, é graças a ela que o grupo mantém a dignidade durante o percurso da narrativa.

Ademais, depois dela e o marido chegarem ao manicômio e se organizarem, logo começam chegar cada vez mais pessoas que foram recolhidas após serem contagiadas e, a mulher do médico logo se prontifica em solidariedade a estes, como se nota na passagem a seguir:

A mulher do médico levantou-se, por sua vontade iria ajudar os recém-chegados, dizer-lhes uma palavra simpática, guia-los até aos catres, informar, Tome nota, este é o sete do lado esquerdo, este é o quatro do lado direito, não se engane, sim, aqui estamos seis, viemos ontem, sim, fomos os primeiros. (SARAMAGO, 1995, p.65).

Neste sentido, Saramago vai desenhando uma personagem cada vez mais altruísta e conseqüentemente forte.

### **3.2 O médico e os outros cegos do grupo: contribuições e atropelos**

A cegueira é o mal que corrompe, maltrata, destrói até o final deste romance de Saramago. Em contraste à cegueira contagiosa, também se tem a presença de um médico oftalmologista, que não imaginava que seus anos de estudos e dedicação ao órgão da visão, onde muito já contribuíram para solucionar problemas que aos olhos afetam, no caso dessa epidemia de nada serviriam. Por isso, sentiu-se um inútil profissional frente ao caso do primeiro cego afetado pela tal cegueira branca. Assim, ao examiná-lo, não obteve nenhum diagnóstico, sendo invadido pelo sentimento de inutilidade:

Não encontrou nada na córnea, nada na esclerótica, nada na íris, nada na retina, nada no cristalino, nada na mácula lútea, nada no nervo óptico, nada em parte alguma, [...] Não lhe encontro qualquer lesão, seus olhos estão perfeitos. (Ibid., p.23).

O que fica esclarecido nessa passagem é que nem o próprio médico era capaz de descobrir, identificar a tal cegueira conhecida como “mal branco”. Desse modo, o oftalmologista ao chegar em casa, partilha com a sua mulher sobre o acontecido em seu consultório, uma vez que a situação não o faz conformado. Decide, por conseguinte, buscar novamente os seus preciosos livros da época da faculdade, mas, o que ele não esperava era que poderia ser uma das próximas vítimas, depois do atendimento a esse paciente de caso urgente. De tal maneira, após dormir sobre os livros, sentiu certo temor, como se nota a seguir:

Que será isto, pensou, de súbito sentiu medo, como se ele próprio fosse cegar no instante seguinte e já o soubesse. Susteve a respiração e esperou. Nada sucedeu. Sucedeu um minuto depois, quando juntava os livros para os arrumar na estante. Primeiro percebeu que tinha deixado de ver as mãos, depois soube que estava cego. (Ibid., p.30)

Ironicamente, o médico dos olhos também perde a visão, mas isto acontece devido à cegueira ser contagiosa. Subtende-se, portanto que Saramago não escolhe a quem cegar, mas a quem não vai. Por isso, a cegueira vai afetando todas as pessoas da trama e somente vai preservar a mulher do médico.

Voltando o nosso olhar ao médico, este, ao comunicar à sua esposa que também tinha ficado cego, tem como primeira iniciativa avisar às autoridades correspondentes com a ajuda da mulher, uma vez que já identificava que o caso se tratava de uma doença contagiosa. Depois de receber a ligação do médico o Ministério da Saúde, ficou sabendo de mais dois casos e decidiu recolher os contagiados e levá-los a um local abandonado e afastado, pensando assim controlar a epidemia.

Sequencialmente, ao ser confinado, nota-se que a mulher do médico não se afastou dele, antes conseguiu com que a levassem também, mesmo sem saber o que lhes aconteceria. Sobre essa decisão, Martins (2013) contribui com a seguinte citação:

Decidiu acompanhar o marido, transformando-se na testemunha necessária, no corpo sempre presente que não recusou a experiência da dor vivida como destino compartilhado e pode ensinar a antiga lição da compaixão (FIGUEIREDO, 2011, p. 241 apud MARTINS, 2013, p. 29).

A partir daí tiveram de lutar pela sobrevivência junto às outras pessoas cegas, num grupo que só crescia com o passar dos dias. Neste sentido, pode-se dizer que a ideia do autor foi a de apresentar a epidemia logo de início, num só local para que o leitor veja, assim como ele, o caos a que o homem moderno chegou, mostrando a degradação do ser humano, devido ao seu egoísmo exacerbado, como menciona esta passagem: “A mulher do médico disse ao marido, o mundo está todo aqui dentro” (Ibid., p. 102). O manicômio é o espaço onde os cegos carregavam sobre si a dor do mundo inteiro, mas também tinham a compaixão de uma mulher.

Por outro lado, o médico (ainda que sendo vítima) procura ajudar, até mesmo pela ética de sua profissão, mas a primeira tentativa de comunicar às autoridades competentes acaba sendo um erro e a sua fala é barrada pela falta de credibilidade de quem o atendeu. Isso por anunciar uma epidemia de cegueira, se ele próprio, sendo o oftalmologista estava cego. A atendente não lhe deu crédito por achar que

ele era quem poderia resolver tal situação, já que era uma doença dos olhos e ele, o médico. Diante do grande descaso o médico sente-se fragilizado.

A indiferença e a insensibilidade causa cegueira, é dessa forma cega, que o governo se apresenta diante do infortúnio alheio, como é o caso do médico, ou de qualquer outro cego. O que faz o oftalmologista expressar; “É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade” (Ibid., p.40).

Por todo o enredo, o oftalmologista contou com o amor e a ajuda de sua esposa, até mesmo nas horas mais simples em que antes não dependia de seu auxílio, por se tratar de um momento restrito de cada pessoa (de higiene íntima, por exemplo) Ela, sempre bem disposta, o socorria em momentos como este. Veja nesta transcrição do romance, este aspecto do pedido e do cuidado:

Sabia que estava sujo sujo como não se lembrava de ter estado alguma vez na vida, Há muitas maneiras de tornar-se animal, pensou, esta é só a primeira delas. Porém, não se podia queixar muito, ainda tinha quem não se importasse de o limpar[...] a mulher do médico tinha ajudado o marido a assear-se o melhor possível.( SARAMAGO,1995, p.97).

Ambos estavam sempre juntos, pois o sofrimento não afastou ou diminuiu o amor dos dois que, mesmo na dificuldade da cegueira, decidiram seguir em frente ajudando também os outros cegos perdidos.

Como um casal a dar exemplos de amor, puderam contar com a solidariedade de outros que contribuíram de forma recíproca, como é o caso do velho da venda preta, que representava a voz da experiência. Este personagem utilizou em vários momentos a sua sabedoria, como por exemplo, na hora em que toma frente e defende a mulher do médico das atitudes egoístas dos próprios companheiros (a quem ela tanto ajudou desde o confinamento). Os cegos queriam descobrir quem havia matado o cego malvado e denunciá-lo. Contudo, o cego da venda preta ao pressentir que ela (a mulher do médico) iria se entregar, age imediatamente, como se verifica neste trecho:

Alguém lhe agarrou e apertou o braço, olhou, era o velho da venda preta, que disse, Mataria com as minhas mãos quem a si próprio se denunciasse, Porquê, perguntaram da roda, Porque se a vergonha ainda tem algum significado neste inferno em que nos puseram a viver e que nós tornamos em inferno do inferno, é graças a essa pessoa que teve a coragem de ir matar a hiena ao covil da hiena,(Ibid., 1995, p.191)

O velho da venda preta desde que chegou ao manicômio buscou aproximação do grupo, não se afastando dele. Sempre esteve solidário com a luta de todos.

Outra passagem digna de destaque ocorre quando ele incentiva os outros cegos a buscarem comida e enfrentarem os malvados, depois de dias sentindo a fome que os matava todos os dias. Então, sem saída, decidem lutar. Veja o discorrido na obra:

Vamos lá, tornou a dizer o velho da venda preta, vamos ao que estava decidido, ou é isso, ou ficamos condenados a uma morte lenta, Alguns morrerão mais depressa se formos, disse o primeiro cego, Quem vai morrer, está já morto e não o sabe. (Ibid., 1995, p. 196)

Deste modo, mantendo a união os demais cegos saíram em fila. Na frente iam os mais fortes, entre eles o médico e o ajudante de farmácia, depois os outros do grupo, cada um com sua arma improvisada (um pedaço de ferro de cama e etc.), prontos a enfrentarem o grupo de cegos malvados que possuíam uma pistola.

Os homens deste primeiro grupo, com exceção do primeiro cego, só fraquejaram no momento em que tiveram que ceder as suas esposas para satisfazerem aos desejos dos “malvados”, mesmo que por uma causa forçada (a fome) na luta pela sobrevivência. Ainda assim, não tiveram a coragem de impedi-los de humilharem suas mulheres que foram trocadas por um pouco de comida. Nem por isso, a mulher do médico se negou à humilhação, pelo contrário, foi a primeira a se dispor em favor de todos, sendo as outras mulheres solidárias a esta. De certo, ou era isto ou morreriam de fome.

### **3.3 O diferencial no motivo da racionalidade da mulher do médico**

Cogita-se que o autor José Saramago, sendo um humanista convicto, descreve nesta obra sobre os problemas da humanidade que, segundo a sua visão, encontra-se doente e está completamente cega. Esta cegueira representa o uso irracional da razão, o que é comum ao homem moderno e é o que resulta na incapacidade humana de libertar-se de todas as ilusões criadas.

Portando-se, como um visionário preocupado com a humanidade contemporânea, cega da razão, como já mencionada, o autor utiliza-se de seus escritos para levar o leitor a refletir sobre o caos em que o homem se encontra, mas

também a ter atitude para mudá-lo. Para isso, é necessário reconhecer-se, olhar primeiro para si e ver que também pode estar cego. O autor descreve situações em o melhor e o pior do ser humano pode ser identificado a partir da fragilidade imposta pela epidemia de cegueira, retratada em seu livro.

Ainda de acordo com Saramago, isso é o que pode vir a acontecer caso a humanidade não se dê conta de que ela, através de seus atos, está caminhando para a própria destruição, tentando, dessa forma, conciliar uma prosa pessimista sobre o futuro humano com a esperança de um mundo melhor, embora ocorresse dessa forma negativamente marcante.

O *corpus* estudado apresenta de forma metafórica a doença dos olhos que contamina e fragiliza toda a população, com exceção da mulher do médico, que se mantém totalmente imune em meio à epidemia.

Sobre isso discorre Fredes (2012):

É um caso curioso ser esta mulher a única pessoa a não cegar, o que pode justificar sua natureza altruísta, pois ela teve o poder de escolha entre acompanhar o seu marido e os demais doentes ao manicômio ou abster-se de tudo. Sem hesitar, sempre escolheu a solidariedade. Talvez essa mulher não precisasse ser atingida pela praga para que lhe abrissem os olhos, pois estes já viam perfeitamente outrora. (FREDES, 2012, p. 06)

Entende-se, segundo a obra e segundo o que fala a autora acima, que esta personagem é mantida imune frente à epidemia, vivendo junto aos contaminados, porque é a única a possuir a visão verdadeira das coisas. Ela vem representar, dentro da trama, a esperança para aqueles que estão cegos, mesmo tendo que fingir-se de cega para assim ajudá-los, não hesitando em hipótese alguma em estender sua solidariedade e agindo sempre de forma racional, completamente lúcida. Isso é o que a faz diferente.

A respeito de se ter esperanças, o autor destaca de O Ensaio destaca: “Esqueceste-te de falar da esperança de todos, Qual, A de recuperar a vista, Há esperanças que é loucura ter, Pois eu digo-te que se não fossem essas já eu teria desistido da vida, Dá-me um exemplo, Voltar a ver” (SARAMAGO, 1995, p.290) Por isso mesmo, tê-la como única esperança num mundo cego é o que ainda permite aos contaminados viver.

Sobre isso, veja o que fala o personagem “o velho da venda preta”: “aproveitamos o acaso de haver aqui ainda uns olhos lúcidos, os últimos que restam, se um dia eles se apagarem, não quero nem pensar”. (Ibid.p.290 ). Para estes, ela

não pode deixar de existir, ou seja, deixar de ver, se tornar cega, haja vista que a sua única esperança também não pode perder a visão.

Deste modo, no romance ela teve a opção de ficar em casa como simples dona de casa, já que não estava cega, mas escolheu acompanhar o marido, pois se preocupava com ele, como já citado. Entretanto, logo depois a situação se agrava e ela torna-se tão importante para a sobrevivência de tantos personagens, com a sua racionalidade que vai permitir equilíbrio em meio ao desespero causado pela doença. Sem medo, completamente segura de seus atos, esta personagem estende solidariedade a outras pessoas, doando-se e se transformando numa espécie de guia, deixando os seus olhos serem os olhos de todos, permitindo ao leitor analisar o seu perfil a partir de suas atitudes.

Esta racionalidade, assim como a visão da mulher do médico, representa a lucidez. São duas características que Saramago preserva na protagonista, por que através desta, ele mostra a humanidade que está cega, mas deixa implícito que ainda existe uma luz no fim do túnel e essa luz no enredo é a personagem referenciada acima. Sobre este pensamento, Martins (2013) colabora dizendo: “Como há uma crítica ao excesso de racionalidade, a mulher é a personagem mais adequada para ser a portadora da visão”. (p.31) Dessa forma, se não fosse essa alternativa, o autor não teria como seguir no enredo sem alguém que ajudasse aos cegos, assim como reverter a cegueira de sua obra, uma vez que esse é o verdadeiro motivo pela qual a mulher do médico vai significar uma saída.

Outros autores, como Araújo (2009), também colaboram com os aspectos acima descritos dizendo:

A trajetória dessa personagem - a mulher do médico- passa a ser relevante na proporção que percebemos que a história só é passível de ser contada devido à atitude dessa mulher em fingir-se de cega e acompanhar o marido. Nesse sentido, não é apenas o narrador que possibilita-nos conhecer a história, aliás, o desenrolar desta só nos é permitido pelas atitudes tomadas por essa mulher. (ARAÚJO, 2009, p. 188)

Esta personagem se traduz numa mulher forte e resistente dentro da história por que, assim como em outros de seus romances, Saramago enaltece o papel feminino.

Parafrazeando o autor em uma de suas falas, ressalta-se que as suas personagens verdadeiramente fortes e verdadeiramente sólidas são sempre figuras femininas, mas que não é nada premeditado. Isso resulta do que ele espera: a parte

da humanidade em que ainda tenha esperanças, a mulher. Saramago diz ainda que espera já há muito tempo que ela tome uma decisão e que não seja de mera competidora do homem, assim não valeria apenas. Ainda ressalta que, o que a humanidade necessita é de qualquer coisa de novo, que ele não sabe definir, mas que ainda tem a plena convicção que pode vir da mulher.

Ainda sobre a mulher, outros autores colaboram com o pensamento de Saramago, como é o caso de Oliveira (2011), que destaca:

O escritor Saramago selecionou a personagem “mulher do médico” para pôr em evidência seu valor de representante de uma minoria, atribuindo a ela a função de ajudar a humanidade a se reconstruir através da solidariedade, da esperança, da sociabilidade e, sobretudo, do amor como sentimento universal. (OLIVEIRA, 2011, s/n de pág., publicado em 14 de abril)

Ao observar tal pensamento, os leitores hão de concordar com o escritor, pois ao executarem a leitura do *corpus* aqui destacado, terão essas qualidades confirmadas pelo que vive e sofre a personagem principal, ao conduzir por toda narrativa.

Portanto, a mulher do médico, por toda narrativa luta contra o horror, o egoísmo, o medo, a maldade, a fome e a cegueira de todos, somente com atitudes contrárias como: atos de amor, de humanidade, generosidade e altruísmo. Dessa forma, a protagonista proporcionou ao grupo de cegos que se juntaram a ela, a capacidade de resistirem ao inferno, principalmente dentro do manicômio, unindo suas forças para sobreviverem.

Ao conseguir manter a união do grupo, a mulher do médico mostra a importância do indivíduo em se agrupar, em socializar-se e manter uma relação de afeto. Na trama, ela consegue isso e muito mais. Apegou-se, se entregou e sofreu por cada um e estes já passaram a fazer parte de sua vida, não conseguindo deixá-los a mercê da própria sorte. Neste trecho da obra se faz possível esta compreensão:

Como é o caso da mulher do médico e do seu grupo. Estão sentados juntinhos, as três mulheres e o rapaz no meio, os três homens em redor, quem os visse diria que já nasceram assim, é verdade que parecem um corpo só, com uma só respiração e uma única fome. (Ibid., p.213)

Somente a atitude de altruísmo e demais sentimentos puros e diferentes da protagonista, fizeram com que os outros despertassem também para novas atitudes.

Há de se convir, que o autor surpreende e provoca uma grande expectativa no leitor sobre a racionalidade da mulher do médico, como é no momento em que esta é traída pelo marido. Numa atitude esperada por “pessoas normais” se esperaria uma explosão de raiva e a exposição do fato de poder enxergar. Porém, a personagem e a sua formação ética e moral não são abaladas a ponto de desesperar-se e é isto o que não a deixa cega, mesmo diante de uma epidemia desta doença.

Veja como Saramago desenvolve essa passagem:

Assim estava quando viu o marido levantar-se e, de olhos fixos, como um sonâmbulo, dirigir-se à cama da rapariga dos óculos escuros. Não fez nenhum gesto para o deter. De pé, sem se mexer, viu como ele levanta as cobertas e depois se deitou ao lado dela, como a rapariga despertou e o recebeu sem protesto, [...] o que tinha de suceder sucedeu, o prazer de um, o prazer do outro, o prazer de ambos. (SARAMAGO, p.171)

Como explicitado, a protagonista vê o ato de traição, ou seja, é expectadora. Entretanto, nem esta cena é capaz de desestruturá-la, sua calma e tranquilidade na forma de agir permaneceram, assim como em outras situações que até então enfrentou.

Ainda sobre essa questão, observa-se como ela reage:

Fez um movimento para voltar à sua cama, mas uma voz disse, Não te levantes, e uma mão pousou-se no seu peito com a leveza de um pássaro, ele ia falar, talvez repetir que não sabia o que lhe tinha dado, mas a voz disse, Se não disseres nada compreenderei melhor. A rapariga dos óculos começou a chorar, Que infelizes nós somos, murmurava, e depois, Eu também quis [...] Cala-te, disse suavemente a mulher do médico, calemos todos, há ocasião em que as palavras não servem de nada. (Ibid., p.172)

A postura da mulher do médico é admirável. Seu modo de ser, faz despertar naqueles que colocam o seu prazer acima de tudo, uma reflexão sobre seu próprio erro, e de como ele reflete no outro. Nesse contexto, Araújo (2009) deixa sua contribuição dizendo:

Novamente, a consciência da mulher nesse momento em que os dois estão reduzidos a animais, portanto não há lugar para dignidade alguma valores elevados ou consciência muito menos, é superior e racional na sua sensibilidade. Em outras palavras, resta-lhe calar, observar e calar, e sofrer no sentido de compreender ao que eles estavam reduzidos – a meros bichos, e bichos guiam-se pelo instinto. Espelha-se aqui compaixão, compreensão e humanidade. (ARAÚJO, 2009, p.199)

Compaixão, compreensão e humanidade são atitudes que deseja o autor para que o ser humano deixe de ser egoísta e sinta o próximo que está do seu lado. É assim que conduz sua narrativa para a reflexão, expondo todas as máscaras da sociedade contemporânea e tentando fazer enxergar os cegos de consciência.

Neste mesmo sentido, vem daí a necessidade de repensar as palavras do autor. Ousando realizar uma paráfrase, pode-se que os seres humanos estão todos a destruir o planeta e que o egoísmo de cada geração não se preocupa ao menos em querer saber como é que irão viver os que ainda virão. Saramago ainda declara que a única coisa que importa para muitos é triunfo do agora. A partir dessas palavras ele conclui dizendo ser isto o que ele chama de “cegueira da razão”.

Contribuindo com essa linha de pensamento, Araújo (2009), ainda discorre.

A voz do narrador construindo um ensaio por meio de comentários expostos num mundo alegórico estreita os laços entre a ficção e a realidade e impede a alienação do leitor, pois funciona como uma espécie de demolidor das máscaras de nossa civilização. Assim, dentro da sensibilidade feminina ele traz- nos à realidade, mais precisamente, à racionalidade: *não lhe ocorreu que, lá fora todos estavam cegos, e viviam*. Logo, todos estão cegos e ainda assim vivem como mero zumbis ou robôs a repetir mecanicamente os hábitos que os mantêm “vivos”; mortos vivos. (ARAÚJO, 2009, p. 141)

:

A reflexão sobre esses fatos permite, portanto, reconhecer a importância da personagem condutora da narrativa, quando faz prevalecer a sua racionalidade sob a irracionalidade de muitos. Isso é o que a torna especial.

### **3.4 A “treva branca” e o motivo da imunidade da mulher do médico diante da epidemia de cegueira**

“Treva branca”, “mal branco”, “mar de leite”, “denso nevoeiro”, assim é definida a epidemia de cegueira na obra de Saramago. Esta aparece de forma repentina e simplesmente inexplicável, descrita de maneira intensa como um branco exagerado, aonde o excesso de brancura ofusca os olhos impedindo-os de ver. Trata-se de uma doença contagiosa que vai vitimando a todos na cidade fictícia do romance. No entanto, vale mencionar que a única exceção dentro da narrativa é aquela conhecida somente por “mulher do médico”, de quem a visão é preservada

durante todo enredo. Esta personagem irá se sobressair com lucidez em meio à loucura epidêmica, como ressalta Oliveira (2011) no seguinte enunciado:

Personagem crucial para a narrativa é a mulher do médico, que por ser a única que não cega testemunha visualmente a degradação, trazida pela cegueira, tomando papel de líder e de defensora dos demais, em meio à crise a que são postos. (OLIVEIRA, 2011, p. 39)

Isso implica dizer que a sábia decisão de Saramago em manter um de seus personagens com total imunidade diante da epidemia de cegueira, vem retratar a visão saudável, o verdadeiro “enxergar” diante do horror a que a sociedade foi submetida. Em outras palavras, o autor precisou manter um único olhar para poder desenvolver a história do seu romance, representando a própria visão por meio daquela que comandará a narrativa até o final, na posição de liderança frente a todos os problemas que terá de enfrentar junto a um grupo de vítimas da cegueira.

Belchior (2011) volta a contribuir com o seguinte trecho:

O escritor colocou uma pessoa, como válvula de escape na obra, são seus olhos, o narrador e direcionador na obra. Essa personagem, a mulher do médico, a única que enxerga, conduzirá um grupo, e fará que eles criem um laço de amizade. (BELCHIOR, 2010, p.4)

Nessa linha de pensamento, o escritor destaca a protagonista que representará o equilíbrio frente ao total desequilíbrio humano, uma vez que terá a responsabilidade de ter a visão por aqueles que cegaram, ou seja, será a luz dos olhos cegos e os ajudará a seguirem em frente ou, pelo menos, até conseguirem enxergar de forma limpa e consciente.

Faz-se necessário enfatizar, a dificuldade da protagonista por ter a visão perfeita, enquanto os outros não a tinham, pois para essa situação, teve que tornar-se igual aos cegos e dessa forma visualizar as mais terríveis situações de sofrimento a que os seres humanos submeteram naquele local.

De certo modo, quando chegaram ao terrível local de recolhimento, a mulher do médico por ter ainda a visão, fez de imediato o reconhecimento da localidade, ficando fácil conhecer toda área já que ela enxergava. Assim, ficou mais fácil orientar os que já estavam quanto aos que ia chegando para serem confinados. Isso tudo com o devido cuidado para não revelar sua visão intacta. Como pode-se

observar nesta passagem: “Tome nota, este é o sete do lado esquerdo, este é o quatro do lado direito, não se engane” (SARAMAGO, p. 65).

Sua visão é tão importante para o desenrolar da trama que, através dela, conseguiu organizar e dividir as camaratas, ajudou os cegos a encontrarem as suas camas, memorizou e os ensinou sobre todo o percurso necessário que teriam de fazer para viverem nesse local, ou seja, sobre toda a área do manicômio em que teriam que se deslocar.

No entanto, a mulher do médico por ser privilegiada em manter sua visão, registrará a partir dela toda forma de horror e humilhação ao longo do enredo, mas também terá a capacidade de enxergar vários caminhos de defesa nos momentos mais críticos da narrativa, que acontecem a partir da chegada dos cegos considerados malvados. Nessa luta pela sobrevivência, a mulher do médico junto daqueles que cegaram, irá questionar-se porque ter visão para ver o horror, a desumanização e a transformação do homem em animal. Imaginou que melhor era estar cega também. Saramago, (1995, p.97) “Perguntava-se se alguma vez chegaria a cegar como eles, que razões inexplicáveis a teriam preservado até agora”.

Tudo que a mulher do médico não queria era continuar enxergando naquele momento, pois “enxergar” às vezes pode doer machucar até a alma. Talvez os seus olhos tenham dificuldades para encontrar uma saída, ter esperanças. Naquele momento ela não se sentia afortunada por enxergar e, por muitas vezes, era obrigada a ver o que não queria, como o episódio dos cachorros a devorar o corpo de um homem no meio da praça, conforme se lê:

Devia ter morrido há pouco tempo, os membros não estavam rígidos, nota-se quando os cães os sacodem para arrancar ao osso da carne filada pelos dentes. Um corvo saltita à procura de uma abertura para chegar-se também à pitaça. (Ibid., p.251)

Esta cena é tão forte para quem pode realmente enxergar o resultado de uma vida pós-cegueira. Para a mulher do médico foi tão cruel, por se tratar de um ser humano, mas, como se verifica na obra, quando ela quis fechar os olhos, já era tarde demais. Aqui, o seu ver e sentir retrata a sensibilidade do ser humano para com o ser humano. A mulher aqui ressaltada enxergava ao seu próximo, como pessoa, como um ser igual a ela. Por conseguinte ela não estava mais aguentando a

responsabilidade de manter a sua visão e, como ser humano, sofria. É o que se observa nessa passagem:

Há que dar remédio a este horror, não aguento, não posso continuar a fingir que não vejo, Pensa nas consequências, o mais certo é que depois tentem fazer de ti uma escrava, um pau-mandado, terás de atender a todos e a tudo, exigir-te-ão que os alimentes, que os laves, que os deites e os levantes, que os leves daqui para ali, que os assoes e lhes seques as lágrimas, gritarão por ti quando estiveres a dormir, insultar-te-ão se tardares, E tu, como queres tu que continue a olhar para estas misérias, tê-las permanentemente diante dos olhos, e não mexer um dedo para ajudar, O que fazes já é muito. (SARAMAGO, 1995, p.135).

A protagonista representa uma saída porque possui a visão das coisas, não é cega da razão, tudo que faz é de forma cuidadosa, por que desenvolve sempre atitudes altruístas e é o que vai permitir que aos poucos, pelo menos essas pessoas a qual se juntou, enxergarão essas qualidades que não conseguiam observar antes.

Mais adiante, na saída do manicômio, alguns cegos ficam desorientados e sem rumo, mas a mulher que vê não deixará o seu grupo e continuarão todos juntos agora para enfrentarem outros desafios, na parte exterior.

Sobre a nova luta da mulher, autores já referenciados, como Araújo (2009) vêm destacar:

Novamente, a figura feminina da mulher do médico é de extrema relevância para o desfecho da história, pois ainda agora as decisões tomadas por ela implicarão na sobrevivência e no bem-estar dos cegos que fazem parte de seu grupo. Dessa forma, ela decide permanecer com estes à porta do manicômio até o dia amanhecer, é preciso pensar nas necessidades imediatas: comida, mas também em segurança, afinal não poderia arriscar-se a sair pela noite à procura de comida, pois não seria fácil encontrar e, além disso, poderia perder os cegos. (ARAÚJO, 2009, p.138)

Sua responsabilidade é tanta que ao ter que se afastar dos cegos para ir atrás de comida, isso a faz sofrer, com medo de perdê-los, e antes de afastar-se certifica-se de que estão seguros, frisando ainda algumas recomendações conforme se pode ler no trecho a seguir:

Beijou o marido, sentiu nesse momento como uma dor no coração, Por favor, aconteça o que acontecer [...] não deixem este sítio, e se forem postos para fora [...] só para prevenir todas as hipóteses, deixem-se ficar perto da porta, juntos, até que eu chegue. Olhou-os com os olhos rasos de lágrimas, ali estavam, dependiam dela como as crianças pequenas dependem da mãe. (SARAMAGO, 1995, p. 218)

A reflexão sobre os fatos acontecidos mostra a importância da imunidade da mulher do médico, que manteve a visão até o final e possibilita os leitores de também verem e acompanharem a narrativa como se estivessem dentro do enredo, solidarizando-se com o sofrimento e a luta desta mulher.

A imunidade da personagem é a mesma que o escritor deseja que seus leitores tenham, ou seja, visão saudável das coisas, pois, foi através dos olhos e dos atos dela, que os cegos do seu grupo, aos poucos, foram tendo um olhar diferente e se libertando, olhando “verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhe a alma” (Ibid., p. 262). Nesta vertente, é possível constatar que o autor supracitado consegue em sua narrativa, a partir da protagonista, fazer com que os cegos aos poucos possam recuperar a visão.

#### 3.4.1 A violência contra as mulheres em Ensaio sobre a Cegueira.

Ensaio sobre a Cegueira é um romance que causa aflição e dor. Por toda a narrativa o leitor sofre junto dos personagens ao percorrer com os olhos da protagonista, todo o drama vivido por estes. Observa-se que as pessoas, ao se tornarem vulneráveis, sofrem vários tipos de atrocidades. Todos perdem a liberdade, o direito ao alimento e a sua própria dignidade. Porém, um grande destaque nessa trama é a violência sofrida pelas mulheres, por que este é o caso das personagens femininas, vítimas de uma epidemia de cegueira, exceto à mulher do médico (que enxerga), ainda são vítimas dos abusos sexuais, por causa da fome.

Diante disso, vale mencionar que a violência contra a mulher é uma constante e igualmente um fato assustador, seja ela física, sexual, verbal ou psicológica. Infelizmente, ainda nos dias atuais é bem presente essa situação.

Faz-se necessário frisar que as mulheres de hoje, assim como a mulher do médico, estão reagindo contra a violência, tendo coragem de denunciar com seguridade e amparo nas leis que as protegem.

Reportando-se à protagonista, que no romance buscou fazer justiça (não da mesma forma de justiça que as mulheres devem fazer no cotidiano, na realidade) com as próprias mãos, ela o fez não somente por si, mas por todas as mulheres cegas às quais foram estupradas e humilhadas, assim como por aqueles que estavam morrendo de fome, pois ela representava a única saída possível, ou seja,

só através dela (a mulher que enxergava), era possível resgatar a dignidade de todas as mulheres, inclusive a sua.

No decorrer da trama, como já mencionado, com a chegada dos cegos considerados malvados, toda a organização das camaratas e o controle sobre a distribuição de comida para todos confinados acabaram, pois estes passam a controlar tudo, principalmente a comida. Essa atitude de poder se dá primeiramente pela falta de caráter dessas pessoas, depois devido à posse de uma arma de fogo. Dessa maneira, eles impedem a distribuição de comida, o que retrata uma forma de corrupção, grosso modo, ao exigirem pagamento, ou melhor, toda forma de pagamento, inclusive com mulheres.

Sobre essa forma de tirar vantagens e lucros com o uso do poder, Belchior (2010), contribui:

Seria um reflexo da sociedade corrompida pelo capitalismo exagerado, onde a pessoa mesmo em situação de degradação não esquece o molde da sociedade vantajosa. Dessa maneira, Saramago mostra que o homem é o animal mais perigoso, e sua falta de viver em comunidade provoca destruições. (BELCHIOR, 2010, p. 13)

É como animais que os malvados estão a se comportar, quando exigem que mulheres seja um triunfo nas mãos deles por um pouco de alimento, servindo-os de seus corpos fracos.

O sexo é uma das principais formas de exercer o poder e a dominação do corpo caracterizado por abuso, é o mesmo que apunhalar o corpo e a alma de uma mulher e feri-la para sempre com vários tipos de sequelas. O poder dos cegos egoístas que tiram vantagens de outros cegos fere com intensa crueldade a essência das mulheres no enredo de Saramago.

Nesta obra, por causa da fome acentuada depois dias sem comer, as mulheres passam a ser usadas como escambo em troca de comida, para elas e seus companheiros que já se encontram muitos fracos. Por isso, a situação de desigualdade e fragilidade diante do mais forte irá forçar essas mulheres à submissão.

Assim acontece, como vem reforçar PISAURO (2010):

Nessa altura do livro emergem os sujeitos que são os verdadeiros representantes do modelo capitalista atual: cegos malvados, ladrões, que pensam apenas no seu próprio gozo. O que vale para eles é o seu próprio gozo. As pessoas são utilizadas para satisfazê-los ao máximo. Das joias

aos pertences pessoais, às mulheres como mero produto de troca. O que interessa é apenas o seu gozo, caracterizando a lógica implacável do sistema onde apenas o objeto importa. (PISAURO, 2010, p.07)

De início, os cegos malvados roubam todos os pertences e dinheiro dos cegos bons em troca de alimento, mas o pior momento é mesmo quando acabam os pertences e os tiranos exigem que a troca seja feita por mulheres. Essa seria a única forma de obterem comida, como se pode notar no descrito a seguir: “Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres”. (SARAMAGO, 1995, p. 165).

Essa “opção” causou indignação e revolta, porém, a fome falava mais alto. O representante do mal foi mais categórico em dizer que sem as mulheres não ganhariam comida e assim, Saramago descreve de forma cruel a violência sexual. As mulheres humilhadas são recrutadas até a terceira camarata, inclusive a mulher do médico, passando primeiro nas mãos sujas do chefe malvado, depois aos demais. Desse jeito começa a sabatina das mulheres, é o momento mais angustiante de toda trama, o ataque à dignidade das mulheres que acontece de forma coletiva, um grupo de mulheres malcheirosas, maltrapilhas e imundas, assim diz essa passagem:

Uma fila grotesca de fêmeas malcheirosas, com as roupas imundas e andrajosas, parece impossível que a força animal do sexo seja assim tão poderosa, ao ponto de cegar o olfacto, que é o mais delicado dos sentidos, não faltam mesmo teólogos que afirmam, embora não por estas exactas palavras, que a maior dificuldade para chegar a viver razoavelmente no inferno é o cheiro que lá há. (Ibid., p.174)

Para aqueles que tinham o domínio da situação, a sujeira em que se encontravam as mulheres não era problema. No entanto a verdadeira sujeira estava nos seus atos covardes. Observa-se nesse trecho:

Calma, disse o da pistola, deixem-me ver primeiro como são as outras. Apalpou a rapariga dos óculos escuros e deu um assobio [...] passou à mulher do médico, assobiou outra vez, Esta é das maduras, mas tem jeito de ser também uma rica fêmea. Puxou para si as duas mulheres [...] As mulheres, todas elas, já estavam a gritar, ouviam-se golpes, bofetadas, ordens, Calem-se, suas putas[...] Dá-lhe com força, que se calará [...] A cega das insônias uivava de desespero debaixo de um cego gordo. O cego da pistola retirou o sexo que ainda vinha a pingar [...] tinha sentado na cama, o sexo flácido estava pousado na beira do colchão, as calças enroladas aos pés. Ajoelha-te aqui, entre as minhas pernas, disse. A mulher do médico ajoelhou-se. (Ibid., p. 176 - 177)

Deste fato, enfatiza-se que tudo isso foi só o começo das dores e sofrimento, haja vista que a covardia é tamanha e que todos os cegos covardes usavam as mulheres quantas vezes quisessem.

Nesta mesma passagem, embora a mulher do médico tenha ameaçado arrancar os órgãos do chefe mal à dentada, não adianta nada, pois ele também à ameaça arrancar-lhe o pescoço, que já estava em suas mãos e, com autoridade e poder, obriga-a a fazer sexo oral em seu órgão sujo de outras maldades.

Esse episódio é constrangedor para qualquer mulher, seja ela cega ou com a visão, seja real ou ficcional como é o caso da protagonista. O autor deixa claro que as humilhações duraram a noite toda e todas as mulheres teriam sido abusadas das maneiras mais cruéis e humilhantes. Os trechos mencionados, assim como o trecho a seguir, deixam ao nível da pele o asco provocado apenas por imaginar esses horrores, ou de se imaginar na pele delas durante tanto sofrimento, como se lê:

Amanhecia quando os cegos malvados deixaram ir as mulheres. A cega das insônias teve de ser levada dali em braços pelas companheiras, que mal se podiam, elas próprias arrastar. Durante horas haviam passado de homem em homem, de humilhação e humilhação, de ofensa em ofensa, tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva. (Ibid., 1995, p.178)

Conta a narrativa que, depois dos cegos malvados abusarem de todas as mulheres, de todas as camaratas, eles retornam a primeira camarata para começar tudo de novo. Mesmo que o resultado de suas covardias tenha causado a morte de uma delas (a cega das insônias).

Após carregar o corpo da cega das insônias com a ajuda das companheiras, a mulher do médico precisava de água para limpar o corpo antes de enterrá-lo.

A mulher suprarreferenciada, não custou a ter a mais difícil de suas decisões, para defender (aquelas com quem se importava as mulheres cegas) que fosse matar o chefe dos cegos malvados (o da pistola), para preservar a si e aos demais.

Numa paráfrase a PISAURO (2010), é possível dizer que naquele momento a mulher do médico percebesse que ela não poderia mais se iludir em função da aparência externa de humanidade. O “outro” é um inimigo que precisaria ser destruído, porque ao contrário, ele os atacaria e até mesmo mataria.

A mulher que enxergava ao ver-se suja, não suportou tamanha humilhação e se arma com uma pequena tesoura que escondeu dos tiranos no momento da coleta

dos pertences. Mas, a sua grande arma era sua visão. Assim, saiu em direção ao que o destino lhes preparara. Na citação abaixo, pode-se confirmar:

Enquanto lentamente avançava pela estreita coxia, a mulher do médico observava os movimentos daquele que não tardaria a matar [...] Devagar, a mulher do médico aproximou-se, rodeou a cama e foi colocar-se por trás dele. A cega continuava no seu trabalho. A mão levantou lentamente a tesoura, as lâminas um pouco separadas para penetrarem como dois punhais [...] Não chegarás a gozar, pensou a mulher do médico, e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego. (SARAMAGO, 1995, p.185)

Mesmo depois de matar o malvado, e ser ameaçada pelos outros cegos, a mulher se manteve forte e decidida a continuar matando se assim fosse necessário. No entanto, não abandonou a cena do crime antes de ajudar a todas as mulheres que estavam servindo de objeto sexual num ritual de orgia, livrou-as todas, não deixou uma sequer. (p. 187) “A mulher do médico não queria matar, só queria sair o mais depressa possível, sobretudo não deixar atrás de si nenhuma cega”.

Constata-se assim, que a mulher do médico ao se dispor para ser guia e protetora daqueles fragilizados pela epidemia, coloca a sua própria vida em risco para salvá-los, demonstrando dessa maneira que sentimentos como amor e a solidariedade são duas coisas que fazem toda a diferença. Tudo que ela fez foi por amor ao próximo.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Método de pesquisa**

Buscando atingir o objetivo dessa pesquisa, utilizou-se dos seguintes métodos: enquanto a forma de abordagem foi utilizada a pesquisa qualitativa, que atua como instrumento de levantamento de dados e informações que ofereça uma descrição pertinente do estudo levando em considerações os fatos relevantes no contexto histórico da obra “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago.

Para que a pesquisa seja completa na compreensão, identificação e análise foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e documental, contando como subsídios livros, artigos científicos, monografias, dissertações, por que, segundo PEDRON, (1999, p.129): “A pesquisa bibliográfica consiste no exame do conjunto de livros escritos sobre determinado assunto ou de documentos deixados por autores conhecidos ou inéditos”.

A partir do explicitado, compreende-se, que o caminho a ser seguido em uma monografia como esta, ou seja, a metodologia utilizada na pesquisa refere-se à sustentação do trabalho desenvolvido pelo pesquisador, de maneira clara e objetiva, garantindo informações pertinentes à temática em estudo.

### **4.2 Técnicas de Pesquisa**

Para o cumprimento da proposta tratada no item anterior, escolheram-se para a elaboração desta pesquisa as seguintes técnicas:

- Pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, com o enfoque de investigar a racionalidade da personagem identificada apenas como “mulher do médico”, no romance Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago.
- Leitura, estudo e análise da obra “Ensaio sobre a cegueira”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra de José Saramago, um dos maiores destaques da literatura portuguesa, foi possível observar uma interação entre o autor e o leitor, em uma perspectiva que lança um olhar reflexivo sobre a humanidade, que também evocasse a compreensão na leitura da obra supracitada, pois a mesquinhez desenhada por Saramago em sua obra desperta a reflexão sobre a representação dos valores que cada ser humano tem da vida, da moral, dos costumes, entre outros valores pertinentes à obra.

Buscou-se entender por que uma obra escrita em 1995 permanece entre as mais lidas atualmente e com temas discutidos nas salas de aula, nas rodas de amigos, nas famílias, pois são temas que despertam os leitores para uma realidade deixada em segundo plano, onde a comodidade tem tomado conta das pessoas deixando-as cegas de certa forma. Essa cegueira tem se espalhado nos dias da humanidade com uma intensidade ainda maior do que a descrita no livro, pois as pessoas permanecem alienadas às relações com as outras, prevalecendo a individualidade.

Em síntese, pode-se afirmar que por meio da metáfora alegórica, procurou-se alcançar uma visão tão completa quanto possível da realidade concreta, histórica ou atual, uma vez que se torna inalcançável quando o olhar, desarmado, elege a percepção direta, fotográfica, dos seres e das coisas.

De outro modo, a palavra “ensaio” remete a algum tipo de teorização ou dissertação sobre um determinado assunto, neste caso uma cegueira, não como se está acostumado, mas uma cegueira necessária para toda a humanidade. A cegueira provoca uma revisão dos valores mais íntimos de cada indivíduo, como o que ocorreu e se percebeu ao longo da leitura desse trabalho monográfico.

Denota-se que a obra de Saramago mostra que o homem precisa evoluir e transformar-se. Carece-se desconstruir para construir uma nova identidade. São percepções como estas que levaram à elaboração de um trabalho de análise e pesquisa sobre a referida obra, pois, ao mesmo tempo em que se pode trabalhar a textualidade para investigar a racionalidade de uma personagem perante uma epidemia catastrófica, trabalha-se também a alienação dos indivíduos, a falta de relacionamentos entre os seres humanos, entre outros fatores sociais.

Em suma, este trabalho surgiu mediante a necessidade de se analisar aspectos relevantes da obra “Ensaio sobre a Cegueira”, que retrata uma sociedade à beira do caos, vítima de um surto da mais cruel cegueira: a dos valores.

Diante do trabalho realizado foi possível constatar a relevância da personagem “mulher do médico”, por toda a narrativa e os motivos pelos quais se tornou tão diferente. Capaz de realizar ações por amor, ela não se deixou derrotar pelo sofrimento, mostrando-se corajosa e decidida quando lutou pela sobrevivência junto de seu grupo até o final. Com a visão das coisas ajudou outros cegos a recuperarem a visão.

Esta análise possibilitou também a reflexão sobre os valores apresentados pela personagem supracitada neste romance, sendo eles os mesmos que o autor quer que prevaleçam, acentuando, igualmente, a importância da mulher na obra e na sociedade, uma vez que esta é capaz (literal e figuradamente) de conduzir vidas de forma lúcida e organizada.

Portanto, diante do que foi exposto, ressalta-se que os questionamentos levantados em relação ao tema proposto foram possíveis responder, levando em consideração o grande destaque: a relevância da racionalidade, assim como a imunidade da personagem mulher do médico por toda trama, se fez necessário para que a história fosse contada.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Daniela, Vieira de. **Alegorias da Cegueira**, Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <https://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/td/.../1-danieladearaujo-alegoriasdacegueira>. Acesso em: 27/12/18 às 21h00minh.
- BELCHIOR, Eduardo Rodrigues Junior. **Olhar e Olhares: A Visão Comprometida de José Saramago**, Aparecida de Goiânia, 2010.
- CAROL, Bianca Soares Monte. **O Processo de Desumanização à Luz da Obra Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago**, Anais do IV CIDIL- Censura, Democracia e Direitos Humanos, RDL- Rede Brasileira Direito e Literatura, 2016. Disponível em: [seer.rdl.org.br/index.php/anacidil/article/view/117/313](http://seer.rdl.org.br/index.php/anacidil/article/view/117/313).
- CEGUEIRA- Dicio, **Dicionário online de Português**. Disponível no site: <https://www.dicio.com.br/cegueira/>. Acesso em: 16/11/18 às 15h44min.
- FREDES, Gisele Silveira. **O Caos Social na cidade fictícia de Ensaio sobre a Cegueira**, de José Saramago, Nau Literária: Crítica e Teoria de Literatura, vol. 08, PortoAlegre,jul./dez2012.Disponívelnosite:<https://seer.Ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/32335/23842>.
- FRASES, de José Saramago (277 citações) **Citações e frases famosas**. Disponível em: [https:// citações.in/autores/jose-saramago/](https://citações.in/autores/jose-saramago/). Acesso em: 15/12/18 às 17h14min.
- GOMES, Barbara carvalho. **Ruínas e representações da cidade em ensaio sobre a cegueira, José Saramago**. Disponível no site: [http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire\\_anais/anais-08.pdf](http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-08.pdf). Acesso em 25/09/2018 às 22h30min.
- JOSÉ SARAGAMO. **Frases, Pensamentos e citações**. KD Frases. Disponível em: <https://kdfrases.com-Autores-José Saramago>. Acesso em: 19/12/18 às 18h.
- MARTINS, Claudia Carla. **Ensaio Sobre A Cegueira: Um Contar Ensaístico Sobre a Queda do Império da Visão e da Civilização** – Tangará da Serra - MT / Claudia Carla Martins. 2013.
- MEDEIROS, Elita de. **Análise da obra Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago**. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/analise-da-obra-ensaio-sobre-a-cegueira, Jose Saramago/6945>. Acesso em 02/10/18 às 00he52min.
- OLIVEIRA, Romildo Batista de. **Abordagem Teórico-Crítica pós-moderno do romance Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago**, publicado em 14 de abril de 2011. Acesso em 22/09/18 às 18h36m, no site: <https://www.webartigos.com/artigos/abordagem-teorico-critica-pos-moderno-do-romance-ensaio-sobre-a-cegueira-de-Jose Saramago/63770>. Acesso em: 28/09/18, às 21h20min.
- PIRES, Anderson Silva da. **As impurezas do branco: Ensaio sobre a Cegueira como distopia positiva**. Disponível no site: [www.Ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/06/8-as-impurezas-dobranco](http://www.Ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/06/8-as-impurezas-dobranco). Acesso em: 25/09/18

PEDRON, Ademar João. **Metodologia Científica: Auxiliar do Estudo, da Leitura e da Pesquisa**, 2ª ed. Brasília 1998.

PISAURO, Valéria. **Contemporânea, Ensaio sobre a Cegueira, José Saramago**. Disponível em: [blogspot.com/2010/06/ensaio-sobre-cegueira-jose-saramago.html](https://blogspot.com/2010/06/ensaio-sobre-cegueira-jose-saramago.html). Acesso em: 30/09/2018.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. 49 reimpressão, São Paulo, 1995.

SANTOS, Daniel Castro de. **José Saramago Biografia**-InfoEscola Disponível em: <https://www.infoescola.com/escritores/jose-saramago/>. Acesso em: 28/09/2018, às 21h20min.

TERRA, Ernani. **Curso prático de Língua, Literatura e Redação**, Editora Scipione, São Paulo, 1997.